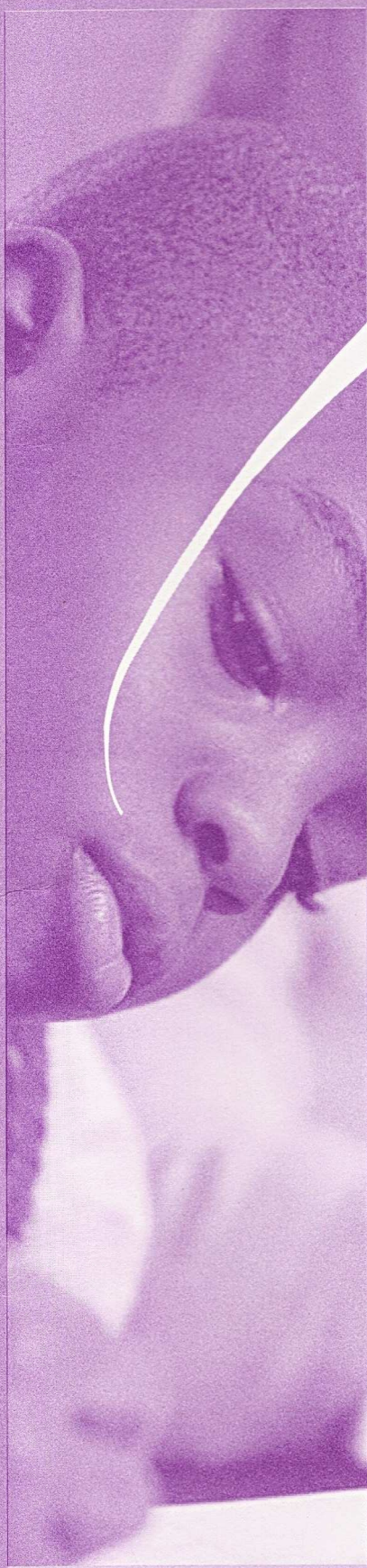




PEDAGOGIA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores
Departamento de Educação



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Érika Maria Albernó da Silva

**A ESCOLA COMO PATRIMÔNIO: ALGUMAS MEMÓRIAS DE OURO, QUE
FAZEM RIR, CHORAR OU DE LUTA, ESPERANÇA, RESISTÊNCIA, GRATIDÃO E
CARINHO DA ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GONZAGA...**

São Gonçalo,
2009

Érika Maria Albernóz da Silva

**A ESCOLA COMO PATRIMÔNIO: ALGUMAS MEMÓRIAS DE OURO, QUE
FAZEM RIR, CHORAR OU DE LUTA, ESPERANÇA, RESISTÊNCIA, GRATIDÃO E
CARINHO DA ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GONZAGA...**

Monografia apresentada, como requisito parcial
para obtenção do título de graduação em
Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade
de Formação de Professores da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mairce da Silva Araújo

São Gonçalo,
2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

S587	Silva, Érika Maria Albernó da. A escola como patrimônio: algumas memórias de ouro, que fazem rir, chorar ou de luta, esperança, resistência, gratidão e carinho da Escola Municipal Luiz Gonzaga... / Érika Maria Albernó da Silva. – 2009. 88 f. Orientador: Mairce da Silva Araújo. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. 1. Escola pública. 2. Patrimônio. I. Araújo, Mairce da Silva. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, Departamento de Educação. CDU 37.057
------	--

Érika Maria Albernoz da Silva

**A ESCOLA COMO PATRIMÔNIO: ALGUMAS MEMÓRIAS DE OURO, QUE
FAZEM RIR, CHORAR OU DE LUTA, ESPERANÇA, RESISTÊNCIA, GRATIDÃO E
CARINHO DA ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GONZAGA...**

Monografia apresentada, como requisito parcial
para obtenção do título de graduação em
Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade
de Formação de Professores da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro.

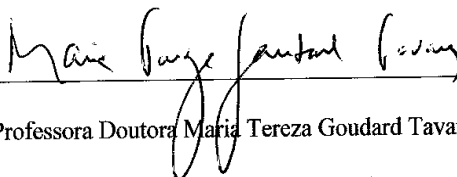
Aprovado em 14/10/2009

BANCA EXAMINADORA



Professora Doutora Mairce da Silva Araújo (Orientadora)

Departamento de Educação da
Faculdade de Formação de Professores/ UERJ



Professora Doutora Maria Tereza Goudard Tavares

Departamento de Educação da
Faculdade de Formação de Professores/ UERJ

São Gonçalo,
2009

DEDICATÓRIA:

A minha mãe, pessoa muito guerreira, amiga e cúmplice que fez do impossível, o possível, para que eu chegasse até aqui...

Em memória da minha avó que partiu deixando saudades...

Aos alunos/as, professores/as e funcionários da Escola Municipal Luiz Gonzaga.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço principalmente a Deus pois acredito que sem Ele a caminhada teria sido muito mais árdua.

A professora Mairce por sua amizade, estímulo, orientação dedicada e a confiança em mim depositada.

A minha mãe pela cumplicidade e carinho oferecido todas às vezes a qual cheguei a pensar em desistir.

Em memória da minha avó que esteve ao meu lado durante grande parte da minha vida, um pouco do que sou também devo a ela. Como diz o ditado: “quem perde um idoso perde uma biblioteca”, de certa forma vó, assim eu me sinto. Obrigada por tudo.

Agradeço as amigas Valéria, Marynéa, Gabrielle, Lucinéia, enfim a todos/as amigos/as da turma do curso de Pedagogia 2005/2 e professores/as que estiveram comigo nessa caminhada. Espero nos encontrarmos muitas vezes, tenho aprendido muito com cada um/a de vocês.

Ao grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória e Formação de Professores e seu Núcleo de Pesquisa e Extensão: Vozes da Educação – Memória, História das Escolas de São Gonçalo a qual eu sou grata pela acolhida e o aprendizado proporcionado, que sem dúvida me ajudaram a compreender na prática alguns referenciais teóricos, assim como, a lançar novas perguntas sobre esta, me constituindo professora-pesquisadora.

Deixo meu agradecimento todo especial aos amigos/as companheiros/as bolsistas: Renata Kelly, Vânia Lúcia, Paula Fernanda, Rachel, Reinaldo... Parceiros/as de muitos trabalhos, a qual espero no futuro - não distante - consolidarmos ainda muitas parcerias.

A todos/as professores/as, alunos/as e funcionários/as da Escola Municipal Luiz Gonzaga pelo carinho e atenção dedicada durante as visitas a Escola. E ainda, pela confiança em emprestar seus chamados “tesouros”, sobre a mesma, para o desenrolar dessa pesquisa. Ficando nesse trabalho também o convite a continuarem a escrever as suas memórias, experiências e vivências sobre a escola.

Enfim, a todos/as amigos/as e familiares que de certa forma contribuíram nessa jornada, com seus conselhos, palavras amigas e até mesmo um “colo” nas horas e situações mais difíceis...

Meu nome é Luiz Gonzaga, não sei se sou fraco ou forte, só sei que graças a Deus té pra scê
tive sorte, apôs nasci im Pernambuco, o famoso Leão do Norte.
Nas terras do novo Exu, da Fazenda Caiçara, im novecentos e doze, viu o mundo minha cara.
Dia de Santa Luzia, purisso é qui sô Luiz, no mês qui Cristo nasceu, purisso é que sô feliz.

Luiz Gonzaga

RESUMO

Este trabalho monográfico foi produzido a partir da minha inserção na pesquisa: *Alfabetização, Memória e Formação de Professores: Investigando Novas Práticas de Formação Docente*. Tal pesquisa aponta como um de seus objetivos cooperar na reconstrução da memória e história das escolas do município de São Gonçalo. É do processo vivido no/ com cotidiano das Escolas *campus* da pesquisa, que fui amadurecendo o meu tema de pesquisa monográfica, com a proposta de pensar a Escola Municipal Luiz Gonzaga e seus sujeitos como patrimônio material e imaterial da cidade de São Gonçalo. Entrelaçando a pesquisa à minha história pessoal de vida e formação, busco também investigar as possibilidades de enriquecimento do processo pedagógico da escola, a partir do "resgate" de sua história e sua relação com o fortalecimento do sentimento de pertencimento do gonçalense. Localizada no Município de São Gonçalo tendo seus vinte anos de fundação, a Escola Municipal Luiz Gonzaga há três anos vem funcionando em situações precárias, nas instalações de um posto de saúde desativado pela prefeitura. A derrubada da Escola e o descaso com a mesma nos permitem fazer um paralelo entre o tratamento que é dado à população mais pobre e a Educação Pública no Brasil. Emerge assim, a necessidade de pensar a Escola como patrimônio, e ainda, reconhecer a escola como patrimônio, significa também reconhecer as pessoas que formam a escola como patrimônio. Lembrando que, segundo CHAGAS (2009), o que caracteriza um patrimônio e assim o “torna” é o *sentido* a ele conferido, pelo lugar ocupado na vida social e cultural de seus sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Escola – Educação Pública - Patrimônio – Pessoas Patrimônios.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 1 – Caderno de Campo (06/11/2006).....	21
Figura 2 - Centro Cultural Joaquim Lavoura.....	26
Figura 3 - SESC/ SG ao lado Centro Cultural.....	26
Figuras 4, 5, 6 e 7 - Fotos do Projeto de (re)construção da E. M. Luiz Gonzaga.....	28
Figura 8 – Exposição das produções dos alunos/as.....	34
Figura 9 - Projeto pela paz.....	34
Figura 10 - Troféus conquistados pela escola.....	34
Figura 11 –ADELGO (professores/as associados).....	35
Figura 12 – Jornal Análise e Crítica.....	35
Figura 13 - Enfermarias ou salas de aula.....	37
Figura 14 - Sem quadra alunos improvisam o jogo de bola.....	38
Figura 15 - Antiga quadra da E. M. Luiz Gonzaga hoje demolida.....	39
Figura 16 - Apresentação de alunas em evento realizado na quadra da Escola.....	39
Figura 17 - Corredor da Escola tomado por goteiras.....	39
Figura 18 - Infiltração no teto junto às instalações elétricas.....	39
Figura 19 - O espaço reservado à biblioteca também não escapa das goteiras.....	40
Figuras 20 e 21 - Centro de Integração do Comperj.....	41
Figuras 22 e 23 - Escola Municipal Luiz Gonzaga.....	41
Figura 24 - Oficina realizada na Escola junto às professoras.....	46

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.....	12
1 CAPÍTULO I - Como tudo começou, de onde vim, como vou me formando professora?.....	14
2 CAPÍTULO II - A Escola como Patrimônio.....	24
2.1 “A Escola Que Desejo...”.....	30
3 CAPÍTULO III - Outras memórias de ouro, <i>que fazem rir, chorar ou de luta, esperança, resistência, gratidão e carinho</i> da Escola Municipal Luiz Gonzaga.....	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS (EMBORA PROVISÓRIAS).....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
ANEXOS.....	55

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo, mais amplo, pensar a Escola Municipal Luiz Gonzaga e seus sujeitos como patrimônio material e imaterial da cidade de São Gonçalo. Além disso, buscamos também investigar as possibilidades de enriquecimento do processo pedagógico da escola, a partir do "resgate" de sua história e sua relação com o fortalecimento do sentimento de pertencimento do gonçalense.

Em seus vinte anos de fundação a Escola Municipal Luiz Gonzaga, localizada no município de São Gonçalo é a única escola do Bairro Estrela do Norte a atender alunos/as do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental.

Atualmente a Escola vem funcionando num antigo posto de saúde desativado pela prefeitura, por conta da concessão do seu terreno à Empresa de Petróleo S.A (PETROBRÁS), sob a justificativa de construir no local um centro de treinamento de pessoal, com o fim de qualificar a mão-de-obra da população local para o trabalho na refinaria de petróleo e derivados que vem sendo construída nas proximidades do município.

Sobre o pretexto da provisoriedade, o prédio onde funcionava a Escola Municipal Luiz Gonzaga foi demolido e a promessa da construção de um novo prédio para o primeiro trimestre do ano de 2007 se arrasta até os dias de hoje.

A Escola pode ser pensada como patrimônio? Quando falamos em patrimônio, de que falamos? Segundo CHAGAS (2009), o que caracteriza um patrimônio e assim o “torna” é o *sentido* a ele conferido, que passa dos limites do *tangível* ao *intangível*. O bem tangível dessa maneira só pode ser assim chamado pela significância a ele atribuída pelo lugar ocupado na vida social e cultural de seus sujeitos.

O termo patrimônio, de origem inglesa, tem sido pensado, ainda, como “algo que herdamos e, por conseguinte, deve ser protegido”. (OLIVEN, 2009:80).

A preocupação com essa temática surgiu a partir de minha participação como bolsista de Iniciação Científica na pesquisa Alfabetização, Memória e Formação de Professores que é articulada ao Núcleo de Pesquisa Vozes da Educação: Memória e História das Escolas de São Gonçalo.

A partir do contato permanente com as Escolas Municipais Gonçalenses e seus sujeitos e da perspectiva teórico-metodológica da pesquisa que busca “resgatar” e

(re)significar as memórias/ histórias da escolas de São Gonçalo despertei para necessidade de olhar a cidade e seus sujeitos como portadores de histórias e memórias.

No primeiro capítulo intitulado *Como tudo começou, de onde vim, como vou me formando professora?* Busquei recuperar minha trajetória de vida e formação escolar com vistas a compreender, nesse movimento, como vou me formando professora, entendendo que estamos em constante processo de formação e somos formados por múltiplos sujeitos.

No segundo capítulo *A Escola como Patrimônio*, contextualizo alguns movimentos históricos vividos pela Escola Municipal Luiz Gonzaga e a partir de seu significado para professores/as, alunos/as, funcionários/as, busco pensá-la como “lugar de memória” e como patrimônio gonçalense: portador de memórias, de conquistas, de inúmeras histórias, “causos”, que vão deixando suas marcas ao longo do tempo.

No entanto, será que o poder público reconhece da “mesma” forma, a Escola Municipal Luiz Gonzaga como patrimônio cultural da comunidade gonçalense? Que implicações esse reconhecimento ou o não reconhecimento traz no que diz respeito ao atendimento ao direito da população congregada na escola a uma educação de qualidade? São algumas das questões levantadas nesse capítulo.

Já no terceiro capítulo, ouvir os sujeitos escolares e o que eles nos têm a contar faz-se de essencial importância, de uma vez que a história da escola não acontece deslocada da vida de seus sujeitos. Tal abordagem, como propõe THOMPSON (2002: 22), pode contribuir em alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação *devolvendo às pessoas que fizeram ou vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras*.

Com esse propósito, a fim de escutar os sujeitos escolares foi realizada na Escola uma “oficina da memória”. Tendo como referência o livro Guilherme Augusto de Araújo Fernandes foi proposto às professoras que expusessem suas memórias que “valiam ouro, faziam rir, chorar, são quentes”, sobre suas vivências na Escola. São algumas dessas memórias que vão compor este capítulo.

Nas considerações finais, apontamos a importância de pensarmos a Escola como patrimônio, na medida em que reconhecer a escola como “lugar de memória” significa também, reconhecer seus sujeitos enquanto patrimônio. Representando um caminho para que esses sujeitos reconheçam-se como protagonistas de um contexto histórico social mais amplo.

CAPÍTULO I

COMO TUDO COMEÇOU, DE ONDE VIM, COMO VOU ME FORMANDO PROFESSORA?

Recentemente uma fala de uma colega, Valéria, durante a aula de Prática de Ensino chamou muito a minha atenção. Indagadas pela professora Inês, sobre o que seria para nós formação continuada, ela disse: “ninguém nasce professora, nos tornamos professoras”, nesse sentido, concordando com a fala da colega, nesse primeiro movimento buscarei responder: **como vou me formando professora?**

Bom, primeiramente é necessário dizer que não tomo esse processo como acabado. Como seres humanos estamos sempre em processo de formação e é FREIRE (2008: 50) quem nos diz: “(...) Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”.

Retomando aqui, algumas reflexões ocorridas ao longo das aulas, lembro-me de uma colega de turma, Luciana, que gosta muito de dizer “não existe alguém que saiba de tudo, muito menos alguém que não saiba de nada”, estamos sempre em processo de ensino-aprendizagem. Aprendemos com os/as colegas de turma, na roda de amigos, nas conversas formais e informais. Somos constituídos por muitas pessoas e lugares por onde passamos, vivemos. Trazemos em nossa história, muitas histórias, que são compostas por muitos sujeitos.

E é um pouco desse movimento, que pretendo fazer inicialmente, entendendo que “somos constituídos de múltiplos sujeitos”, falar um pouco de mim é contar também uma das versões da história desses sujeitos, que de certa forma compõe minha história, que saindo de uma micro visão, para uma visão macro percebemos que essa também faz parte de um contexto histórico - social mais amplo.

Começar a escrever e, principalmente, quando essa escrita é tão pessoal é um movimento muito difícil e percebo muito doloroso também. É estranho, mas ao fazermos o movimento de pensar nossa história revivemos fatos que, embora, pensássemos passageiros, estão tão presentes em nós e de certa forma os revivemos.

BENJAMIM, alertando-nos de que somos parte de uma sociedade que vive a *tempestade do progresso*, e em consequência disso, a arte de narrar está cada vez mais em declínio, nos dá algumas pistas para pensar, *este que se faz um difícil começo*.

(...) São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade de que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. Uma das causas do fenômeno é óbvia: as ações da experiência que estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo. (1994:198).

A difícil, mas necessária arte de *intercambiar experiências* pode contribuir para a circulação de versões diferentes da história *oficial*. Ou ainda, como nos alerta SHARPE (1992: 42), as narrativas das “pessoas comuns” possibilita “compreender o povo no passado, à luz da sua própria experiência e de suas próprias reações a essa experiência”.

Bom, desde muito cedo precisei enfrentar uma dura realidade, me assumindo como parte de uma família das classes populares não muito diferente de como ela hoje se estrutura. Sou filha de pai e mãe separados, era um recomeço e como a vida da gente é sempre um recomeçar passo hoje, acredito, por uma nova fase marcada pela perda recente de minha avó.

Em seu legado de noventa e sete anos, muita coisa do que hoje sou: valores, crenças, conhecimentos faz parte de uma “herança” deixada pela minha avó.

Cresci junto a minha mãe, irmã e avó. Da minha mãe trago um referencial muito forte de luta, combate diário, de alguém, que apesar das dificuldades enfrentadas por uma mulher que optou pela separação e ainda ouviu do marido e do mundo “quero ver você se virar com uma criança e grávida de outra”, trabalha incansavelmente e coloca suas esperanças e expectativas de um futuro melhor na escola. De minha mãe sempre escutei que estudar era o nosso trabalho.

GARCIA Tem defendido junto com SPÓSITO que a ascensão social via escolarização represente uma *ilusão fecunda* para as classes populares, pois:

...embora nada garanta que a escolaridade seja caminho certo para a melhoria de vida, a luta coletiva pelo direito à escola, entre outros direitos historicamente negados, potencializa as classes populares para a conquista de uma cidadania ativa, para a autonomia, indicando avanços no sentido da democratização da sociedade. (2001:12).

Dessa forma, estar na escola significava uma projeção melhor de futuro, uma “ilusão fecunda” que impulsiona e faz caminhar. Estar na escola é encarado por minha mãe como um tipo de trabalho/ responsabilidade é a “garantia” futura da conquista de direitos, de certa forma, negados no momento presente.

De minha avó, ouvia sempre e ficava admirada como ela aprendera a ler sem nunca ter tido a oportunidade de freqüentar uma “escola”. Contava, com tristeza, do dia em que a professora foi a sua casa chamá-la e às suas irmãs para estudar e seu pai permitiu que apenas uma delas fosse. Como ela tinha uma enorme vontade em aprender a ler pegava a cartilha de sua irmã e perguntava entre uma lição e outra o que estava escrito, aprendendo dessa forma.

Nesse ambiente, onde o “ensino escolarizado” tinha sua importância, minha tia formada em professora das séries iniciais, montou uma escola tendo por nome Jardim Escola das Flores Falantes, não-legalizada, que funcionava como Jardim de Infância e Alfabetização no mesmo terreno da casa de minha avó.

Assim começou minha vida escolar. Minha mãe conta que eu tinha o hábito de fugir quase sempre para escola. Ela me colocava para dormir e quando via eu acordava assustada, já pedindo minha merenda.

Tendo minha tia como a minha primeira professora e a presença de um ambiente escolar bem próximo, onde cursei o Jardim e a Alfabetização e que perdurou seu funcionamento, ainda por uns dez anos, acredito ter sido este um dos principais referenciais que me influenciou na escolha em ser professora.

Durante a minha infância lembro sempre dizer e brincar de ser professora, enquanto minha irmã alternava entre as muitas profissões, eu permanecia fiel.

Na mudança de Escola, para o Externato Pedacinho do Céu, na primeira série conheci a professora Vanda e ficava encantada com suas aulas, esta, além de ser uma pessoa bastante brincalhona, tinha dois costumes que nós adorávamos. Um deles era levar seu violão para sala de aula e no tempo final tocava e cantava conosco, o outro era, de uma vez ou outra, a visita do seu filho Matheus mais novo que a turma.

Sentimos muito, quando a professora Vanda foi substituída no meio do ano e entrou outra professora no lugar.

A saída da professora Vanda acredito ter acontecido, pois, a diretora e dona da escola Erenice era uma pessoa bem rígida, lembro das vezes em que ao chegarmos na escola, tínhamos que nos dividir em colunas, por tamanho e turma, ela mandava que cobríssemos com o braço direito no ombro do colega até ficarmos alinhados um ao lado do outro, para assim, cantarmos o Hino Nacional, Hino da Bandeira, dependendo da ocasião.

E ainda, por vezes, quando esta visitava a nossa sala todos nós tínhamos que estar de prontidão, levantar na mesma hora e cumprimentá-la: “Bom dia, senhora diretora”. Lembro-me de quanto tinha medo dela.

Aos poucos conhecia minha nova Escola, era bem maior que a da minha tia, funcionava perto de minha casa, era particular, e estudei nela até a terceira série quando passei a estudar numa Escola Pública.

Ao chegar ao Colégio Estadual Paulino Pinheiro Baptista, primeiramente, fiquei bastante assustada com o tamanho do colégio. Se antes, eu acreditava que a escola anterior era enorme, comparada a da minha tia, ao chegar à minha mais nova escola vi o quanto esta era pequenina.

Lembro o quanto fiquei admirada e feliz em ter quinze minutos de recreio diários. No "Pedacinho do Céu" esse tempo de recreio só acontecia uma vez na semana, durante as aulas de Educação Física.

A mudança de escola, também me deixava feliz pelo fato de minha tia trabalhar na secretaria da escola. Fato que me custou uma bronca depois da minha primeira prova ou argüição oral aplicada pela professora Litael, pois, o nome e o tipo de prova me deixaram tão assustada que eu tirei a minha primeira e espero ter sido a última nota zero.

No "Paulino" (nome carinhoso pelo qual chamávamos a escola) havia turmas do Curso Normal. Ver as alunas do pedagógico¹ fazendo estágio e circular pelas salas onde funcionava o curso alimentava meu desejo de ser professora, pois, antevia-me ocupando aqueles espaços na Escola.

Assim, cresci dizendo querer ser professora. Fiz o Curso Normal, porém o processo de formação não me trouxe segurança para atuar como professora.

Talvez contribuísse para esse sentimento ouvir por várias vezes em sala de aula de professoras e professores, perguntas tais como: “você são malucas? O que vocês estão fazendo aqui?”. Ser professora das séries iniciais às vésperas do século XXI nos remetia ao Brasil do século XIX e as políticas de feminização/desvalorização do magistério:

Ao longo do século [XIX], as mulheres foram, gradativamente, ocupando os espaços educativos das escolas primárias, enquanto os homens encaminhados para setores mais valorizados pela sociedade, dentro do próprio sistema educativo. Analisando os fatores que contribuíram no desenrolar desse processo, Almeida (1991: 164 e 165) destaca a adequação da identidade da professora como mãe e “professorinha”, o magistério como uma das ocupações possíveis às mulheres e também a utilização da mão-de-

¹ Como era chamado o curso normal na época.

obra feminina como forma do Estado baixar os custos, sendo ainda “dóceis e submissas” o que estaria de acordo com os objetivos propostos para a instrução primária. (BRAGANÇA, s/d).

Por outro lado, vivia-se também um clima de insegurança com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9.394/96), que estabelecia na época um prazo de *dez anos* para habilitação do professor/a em nível superior, admitindo, no entanto, como formação mínima o Curso Normal/ Ensino Médio.

Bom, eu não me lembro de sempre ter sido tímida, mas, o fato é que nesse tempo em que eu cursava o normal eu já o era. E grande parte do meu medo dava-se pela preocupação em estar numa sala de aula e não conseguir manter meus alunos/as sentados, de não ter "autoridade" para lidar com uma turma.

A *autoridade* como condição principal para ser professora tinha por fundamento uma concepção tradicional de educação. Acreditava na postura relacional de *verticalidade*² entre professora – alunos/as, visão esta, que naquele momento eu entendia ser a melhor, de uma vez que eu era/sou fruto de uma “educação do controle”, era essa educação que perpassava minha experiência e que ainda era alimentada e ganhava força diante de um curso que deixava lacunas em sua formação.

Ficava assustada, inclusive em saber que encontraria na sala alunos/as com mais idade do que eu, cursando ainda o ensino fundamental, experiência vivenciada durante o estágio que me chocara bastante e que nunca fora objeto de reflexão durante o processo de formação.

O que significava a presença expressiva de alunos com idades avançadas nas séries iniciais? Que reflexões sobre o processo ensino-aprendizagem poderiam ser desenvolvidas a partir de tal situação? E a questão do direito à escolaridade mínima? Como os/as professores viam esses dados? E os alunos/as como se sentiam? Tantas questões que passavam ao largo sem serem debatidas. O sentimento de insegurança e despreparo para o magistério tinham bases sólidas.

Vi durante o curso, colegas desistirem. Lembro inclusive de Tatiana, que ao se aproximar o último ano do curso resolveu não frequentar mais as aulas, chegamos inclusive, a ir a casa dela para tentar convencê-la do contrário. No entanto, nossa visita foi em vão. Tatiana tinha muito medo, pois no ano seguinte era exigência do curso que déssemos quatro aulas práticas, sendo assistidas por uma professora avaliadora. O medo e o auto-

² Segundo FREIRE (1987:108), na lógica desta educação, os/as educandos/as são vistos como aqueles que nada sabem e o/a professor ou professora têm o papel de prescrever o saber. Nessa lógica, o que predomina é uma relação *antidialógica* e por isso, desamorosa, autoritária, auto-suficiente.

convencimento sobre sua incapacidade fizeram-na desistir. Até hoje não sei como eu não desisti, apesar de ter o mesmo medo da Tatiana.

Recentemente reencontrei Gisele uma colega que estudou comigo, no Curso Normal, encontrei-a trabalhando como caixa numa loteria, o que eu ouvi de Gisele foi o seguinte, que ela havia desistido de ser professora desde o dia que havia ficado durante o estágio numa turma sem professora. A turma, segundo ela, fez tamanha bagunça que ela não conseguiu controlá-la, desde então concluiu o curso, mas, não tem coragem de trabalhar como professora.

O fato é que isso era comum na época em que estagiávamos, às vezes, a professora da turma faltava ou a turma estava sem professora e nós estagiárias assumíamos a turma. Na maioria das vezes estávamos desprevenidas e não recebíamos qualquer orientação do que poderíamos fazer nesses casos. Recebíamos em geral, da inspetora da escola, um texto para lançarmos para a turma fazer cópia, ou algum exercício e a partir daí, nossa função era tomar conta da turma, manter a sala em ordem até a hora da saída.

Manter a ordem, a disciplina, ao que parece era para isso que estávamos sendo preparadas. Hoje percebo que o medo e a insegurança a qual eu vivia ao longo do processo de formação, não aconteciam no plano individual, sendo vivido e partilhado coletivamente pelas colegas de turma, denunciava as lacunas em nosso processo de formação.

Quando eu terminei o Curso Normal, não muito diferente de Gisele, o que eu menos queria era trabalhar como professora pensava e se eu não conseguir *ensinar* nada para os alunos/as? Como vai ser a cobrança dos pais/mães e até mesmo do gestor da escola?

Ao mesmo tempo, sentia medo de não poder trabalhar no futuro como professora, de certa forma, juntamente pelo fato de sempre escutar que o salário de professora era pouco, porém compensava, pois "*professora trabalha meio expediente, para mulher não há profissão melhor*". Minhas crenças realimentavam as teses do séc. XIX sobre a feminização do magistério, apontadas anteriormente, revelando o quanto permanecem vivas.

Preocupada com minha inserção no mercado de trabalho e com o prazo determinado pela LDB 9394/96, estabelecendo o ano de 2006 como marco para a formação dos professores das séries iniciais a nível superior, busquei o Curso de pré-vestibular comunitário oferecido pela FFP/ UERJ. Lembro que à época o vestibular para o curso de Pedagogia era um vestibular interno que ocorria dentro da unidade da FFP.

Algumas amigas do curso de pré-vestibular ao tomarem conhecimento da abertura de inscrições, para as quais só poderiam concorrer alunas/os formadas a nível médio no Curso

Normal, fizeram suas inscrições e convidaram-me para que assim eu o fizesse. Lembro-me de na época dizer a elas que eu não faria Faculdade para ser professora.

Com o tempo acabei mudando de idéia ingressando no curso de Pedagogia e, ao chegar, trazia comigo meus medos, inseguranças, a única certeza que trazia comigo era da minha incapacidade para o magistério, sentimento que hoje percebo gestado e alimentado por um curso de formação que deixava um vazio, por não ter como caráter, uma pedagogia voltada para o diálogo/ criticidade.

Nessa ocasião, pela primeira vez entrava em contato com a leitura de Paulo Freire. E foi lendo “Pedagogia do Oprimido”, que eu descobri uma Érika, a qual eu não conhecia. Ao ler o livro me identificava como oprimida e, ao mesmo tempo, comecei a me ver também no papel do/da opressor/a.

Senti-me violentada em ver que aprendi a me calar, a acreditar na minha incapacidade, e via como esse processo deu-se gradativamente passando pela escola básica, por um curso de formação e por um contexto social mais amplo. Ao mesmo tempo, sentia-me tocada em relação ao meu papel como educadora.

Assim na reflexão com professores e professoras, vivendo a experiência de aluna do Curso de Pedagogia, apropriando-me de um novo referencial do que é ser professor/a eu ia me formando professora.

Levo comigo muitas vozes de professores e professoras, das minhas colegas de turma e também de alunos/as que durante o tempo a qual estagiei muito me ensinaram. Todos/as ao longo do processo muito contribuíram na minha nova tomada de posição frente ao mundo, que hoje se abre para mim como um leque de possibilidades.

Diferentemente do padrão de “escola” vivido por mim, onde o medo impedia “ousar”, na Faculdade comecei a conviver com outras concepções de conhecimento e sobre a relação ensinar-aprender.

Uma proposta de trabalho denominada “Marcando Presença”³, feita nas disciplinas de Alfabetização e Educação Infantil, cujo objetivo era propor o registro e a reflexão das atividades feitas em sala de aula é emblemática para ilustrar as novas concepções de conhecimento com as quais me deparava e que me possibilitavam viver a experiência de perceber-me como produtora de cultura.

³ Em um caderno de meia pauta registrávamos as propostas surgidas em sala de aula ou vivenciados no trabalho de campo, valendo-nos de diferentes linguagens ou gêneros textuais. O “marcando presença”, assim denominado, pelo seu formato/meia-pauta sugeria que as atividades registradas/ propostas no decorrer das aulas “escapassem” das habituais anotações sobre as aulas no formato padrão, em geral, reconhecidos pelos/as alunos/as como único modelo de registro válido.

No “Marcando Presença” encontrávamos um espaço onde era permitido ousar; um espaço de reflexões que nos deixava “livres” para expressar opiniões, anseios, ao mesmo tempo em que despertava-nos para a importância de ser professora/pesquisadora tendo o registro e a reflexão como base de formação.



Figura 1 – Caderno de Campo (06/11/2006).

Quero ver você adivinhar
Meu nome de Batismo
Mas já vou adiantar
Que é lindo, lindo, lindo...

Existem muitos nomes,
Mas igual ao meu não tem,
O primeiro exprime força,
coragem, sou guerreira, brasileira.
E desde que existo,
Não desisto.

Não, não sou Vitória
Não se apresse em falar.
Também não sou Glória,
Não comece a se empolgar.

O segundo exprime graça
E humildade também
A força de Deus esta nele
E comigo vai também.

Com todas essas dicas,
Você não adivinhou?
Meu nome é Érika Maria,
Aquele que nunca sonhou
Que um dia,
Estaria na UERJ, escrevendo poesia...

Ainda, posso ouvir o “apelo” emocionado da Professora Maria Tereza de que procurássemos a cada dia ter seriedade no que fazíamos saindo de cada aula levando/ compartilhando algo novo. Chamando-nos a atenção para nossa responsabilidade social, de uma vez que cursar o Ensino Superior no Brasil, infelizmente tem sido para poucos.

Os convites incessantes para participarmos de diversas atividades culturais, como por exemplo, mostras de filmes/ cinema, teatro, exposições, museus, nos levava também a despertar para importância de estar em outros espaços que complementaríamos nossa formação.

Outro ponto de fundamental importância na minha formação acadêmica foi a minha entrada na Pesquisa: Alfabetização, Memória e Formação de Professores: investigando novas práticas de formação docente⁴. Estar na pesquisa e o contato permanente com as Escolas Municipais Gonçalves e seus sujeitos, por ela proporcionado, sem dúvida, tem sido de fundamental importância não só para minha formação enquanto professora-pesquisadora, mas, tem possibilitado também o resgate da minha própria cidadania gonçalense.

Participar da pesquisa tem me possibilitado “olhar para cidade de São Gonçalo” com uma visão diferenciada daquela que até recentemente eu possuía.

Este olhar vem sendo reconstruído, juntamente com os sujeitos escolares, através das constantes propostas da pesquisa em “resgatar” e (re)significar as memórias/ histórias das escolas gonçalenses, no intuito de construir/ (re) construir uma história onde estes sujeitos são atores e não meros coadjuvantes, como em geral vem sendo contado pela chamada *história oficial*.

Nesse sentido, corroboramos com THOMPSON (2002: 44):

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. (...) Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos.

⁴ A pesquisa é coordenada pela Professora Doutora Mairce Araújo, e vinculada ao Núcleo de Pesquisa e Extensão: Vozes da Educação – Memória e História das Escolas de São Gonçalo.

Tendo como metodologia preferencial a realização de “oficinas da memória” nas escolas, que serão objeto de discussão num capítulo próximo, entendendo que tais ambientes se configuram como espaços de produção coletiva de conhecimento, a pesquisa Alfabetização, Memória e Formação de Professores propõe aos sujeitos escolares o compartilhar de experiências, afinados com a concepção freireana “a leitura de mundo precede a da palavra”.

E ainda, ao convidar os sujeitos escolares e a comunidade a *contarem sua própria história*, estimula espaços/tempos propícios para que as histórias contidas nas memórias dessas pessoas se tornem visíveis desvelando *as zonas de sombra*, por vezes, sonegadas pela História Oficial.

Ao trazer à tona essas histórias, estas podem ser (re)significadas em novas práticas de leitura e escrita na escola, se configurando em ambientes alfabetizadores potentes (ARAÚJO, 2001, 2003).

Desse processo vivido no/ com cotidiano de algumas escolas gonçalenses é que fui amadurecendo o meu tema de pesquisa monográfica, no intuito de pensar a Escola Municipal Luiz Gonzaga e seus sujeitos como patrimônio material e imaterial da cidade de São Gonçalo. Além disso, como também se revela nesse “Memorial de Formação”, entrelaçando a pesquisa à minha história pessoal de vida e formação, busco também investigar as possibilidades de enriquecimento do processo pedagógico da escola, a partir do “resgate” de sua história e sua relação com o fortalecimento do sentimento de pertencimento do gonçalense.

CAPÍTULO II

A ESCOLA COMO PATRIMÔNIO

Moradora do Município de São Gonçalo, de nascimento e criação, devo confessar ter censurado minha irmã, muitas vezes, ao ouvi-la dizer qualquer coisa que valorizasse o Município ou revelasse algum grau de satisfação pelo fato de ser gonçalense.

Bom, esse “descontentamento” em ser gonçalense fazia parte de um sentimento que ficava, para além de uma insatisfação individual, mas posso dizer que este era partilhado no coletivo, de vez que a grande maioria dos Gonçalenses trazem essa insatisfação consigo⁵.

Algumas razões? Creio serem muitas. Certa vez, eu devia ter na época oito anos de idade um fato marcou-me bastante. Minhas primas viajaram para a cidade Paraty/ RJ, cidade natal de minha avó e me levaram com elas.

Estávamos passeando pela chamada Praia do Pontal, quando acabamos fazendo amizade com outro grupo que também passeava pelo local. Foi então, que uma das meninas perguntou de onde nós éramos e eu apressadamente respondi que morávamos em São Gonçalo. Logo fui corrigida por uma das minhas primas dizendo que morávamos em Niterói. Justificando sua resposta explicou-me que assim seria mais fácil que, para elas, entendessem onde morávamos.

Naquele momento, vários conflitos passaram por minha cabeça, sendo um deles: como poderia alguém saber onde era Niterói e sequer imaginar onde ficava São Gonçalo, cidade vizinha?

Com o tempo, a explicação que tem sido mais freqüente para tal questionamento sobre o reconhecimento de Niterói versus o desconhecimento sobre São Gonçalo deve-se especialmente ao fato da primeira ter sido Capital do Estado do Rio de Janeiro. Não deixa de ser uma resposta válida, mas, o fato é que ainda hoje o segundo Município mais populoso do Estado do Rio de Janeiro⁶, tem sua história contada como uma cidade que dorme.

⁵ A esse respeito ver: TAVARES, M.T. G. **Os pequenos e a cidade: o papel da escola na construção de uma alfabetização cidadã**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2003, Mimeo.

⁶ O site oficial da Prefeitura de São Gonçalo informa que a população gonçalense é de 960.841 habitantes (População estimada 2005 em 01.07.2005)

Como nos alerta REZNIK⁷, São Gonçalo, para além da imagem construída em torno de vizinha da Capital, desde o tempo colonial, é vista também como “extensão”/complementaridade da cidade do Rio de Janeiro. Sua imagem é construída em torno dos “centros” que exercem maiores influências políticas.

Dessa forma, sendo vista como “cidade dormitório”, ou seja, “cidade residencial, na qual a maioria dos moradores trabalha em uma cidade próxima, de maior tamanho ou importância econômica”⁸, São Gonçalo acaba carregando um estigma que atinge diretamente a *auto-estima* do gonçalense que vê sua história contada nos livros escolares como algo “menor”, por não valorizar as experiências/histórias de seus sujeitos.

Mas, será que São Gonçalo não produz história? Será esta uma cidade unicamente dormitório? São algumas questões que no meu entender precisam ser colocadas em debate, especialmente no interior das escolas para que possam contribuir na (re)construção de um “novo” olhar, que busque (re)significar a história do povo Gonçalense.

Certamente, ao longo de minha vida de moradora de São Gonçalo, por diversas vezes, passei pela rua daquela que seria a primeira sede da **Escola Municipal Luiz Gonzaga**. No entanto, só percebi que ali havia uma escola, quando já formada Professora no Curso Normal, uma amiga, Lili⁹, indicou-me um *conhecido*, que poderia auxiliar-me para conseguir uma vaga de contrato como professora das séries iniciais do Município¹⁰. Até aquele momento, eu não fazia a menor idéia de onde se localizava a Escola Municipal Luiz Gonzaga.

Neste primeiro contato com a Escola um primeiro aspecto me chamava a atenção: a pessoa a quem eu deveria procurar, o meu possível “padrinho” para a conquista da vaga de contrato, era o Maestro Budica, que na época, não sei ao certo, “era” responsável pela Banda de Música da Escola.

Tal fato gerava um duplo estranhamento: um maestro com poder político e o tamanho da escola que, embora, ainda não tivesse acesso às dependências da mesma, a meu ver, parecia-me bem pequena.

⁷ REZNIK, Luís. **Tempo, espaço, memória e identidade nas fotografias de São Gonçalo**. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT0408.htm>>. Acesso em: 15/08/2009.

⁸ Fonte Wikipédia: Enciclopédia Livre. Cidade Dormitório. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_dormit%C3%B3rio>. Acesso em 10/09/09.

⁹ Atualmente, trabalha como secretária no DEDU/ FFP, chamada por todos/as carinhosamente por Lili.

¹⁰ Em busca de meu “lugar ao sol” também me valia do famoso “jeitinho brasileiro”, ou seja, um modo tipicamente brasileiro que permeia nossas relações sociais, na busca de driblar as contradições de um sistema desigual. DAMATTA (1986: 93) nos explica que o jeitinho brasileiro reside em “na trágica oscilação feita de leis universais, cujo sujeito é indivíduo e situações onde cada qual se vira como pode, utilizando para isso seu sistema de relações pessoais”.

Tive a visão de um pequeno pátio localizado à frente da escola, seguido por porta de acesso, dando para um corredor, que conduzia à sala dos professores/as e as salas de aula, secretaria e direção. Naquele dia, não só a Escola chamava-me atenção, atentava também, para seu entorno, esta se localizava entre o Centro Cultural Joaquim Lavoura¹¹ e o SESC/SG¹², duas instituições de peso na vida político-cultural administrativa do município.



Figura 2 - Centro Cultural Joaquim Lavoura.



Figura 3 - SESC/ SG ao lado Centro Cultural.

O tempo passou, não consegui o contrato, mas o fato é que sem dúvida, essa breve passagem pela escola, marcara-me bastante. E para meu espanto, certo dia, embalado pela vinda do Pólo Petroquímico de Itaboraí, meu primo, veio até mim a fim de que eu o auxiliasse na inscrição de um cadastro para alguns cursos técnicos que o Município de São Gonçalo estaria oferecendo. Para a minha surpresa, no ato do preenchimento do cadastro, descubro que um desses centros de “qualificação profissional”, em São Gonçalo, sacrificava uma Escola do Ensino Regular, que estaria sendo demolida. Como mostra artigos da época:

São Gonçalo sai na frente¹³

Inicialmente programada a construção de apenas uma unidade do Centro de Integração em São Gonçalo, o projeto teve que ser revisto em virtude da grande demanda que o Comperj absorverá. Agora, cada cidade do Leste Fluminense abrigará um pólo técnico. No centro de São Gonçalo, uma escola já foi demolida e a área está sendo preparada para o início das obras (grifo meu). Nesta segunda-feira, o processo licitatório será concluído, com

¹¹ O Centro Cultural Joaquim Lavoura funciona como uma extensão político-administrativa da prefeitura. Nele funciona a Secretaria Municipal de Educação e Cultura e também a única Biblioteca Pública do Município.

¹² Segundo relato das professoras, sua construção é recente, a inauguração é datada depois da construção da Escola Municipal Luiz Gonzaga. O SESC ou Serviço Social do Comércio é um centro de cultura e lazer que inicialmente foi criado para oferecer no município atividades destinadas a comerciantes/comerciários associados da região, atualmente é aberto também a não- comerciantes/comerciários, mediante ao pagamento de uma taxa.

¹³ FELICE, Gabriel. (jornal O Fluminense). **Complexo Petroquímico: 11 municípios terão centros de qualificação profissional**. Disponível em: <http://www.simperj.org.br/informacoes/ver_artigo.php?id=46>. Acesso em: 21/ 04/ 09.

a escolha da empresa que gerenciará o empreendimento. Segundo Jacy Miranda, responsável técnico dos pólos, somente o município de São Gonçalo representa metade da população do Leste Fluminense. Por isso, as salas de aulas planejadas inicialmente não seriam suficientes para atender ao quantitativo exigido pela multinacional. A estimativa para a construção do prédio é de R\$ 15 milhões e as obras devem começar antes do fim do ano, para que já esteja tudo pronto para o período letivo de 2007. Mas Jacy garante que o intuito é também utilizar espaços já existentes indicados pelas prefeituras.

Sob o título “São Gonçalo sai na frente” o artigo revela uma adesão apaixonada do jornal às propostas relativas ao Complexo Petroquímico¹⁴ a ser instalado na região do leste fluminense pela Petrobrás. Dentre outras realizações, o Comperj prevê que 11 municípios terão centros de qualificação profissional. Contudo, as contradições e “os custos” para a sociedade de tal iniciativa, não parecem na discussão. Como por exemplo, o impacto ambiental que vem sendo denunciado por pesquisadores:

Do ponto de vista ambiental, as refinarias são grandes geradoras de poluição e contribuintes da degradação ambiental, consumindo grandes quantidades de água e de energia, produzindo grandes quantidades de despejos líquidos, liberando diversos gases nocivos para a atmosfera e produzindo resíduos sólidos de difícil tratamento e disposição. Em decorrência de tais processos, a indústria de refino de petróleo pode ser considerada em muitos casos, como um empreendimento de grande impacto negativo ao meio ambiente, pois tem potencial para afetá-lo em todos os níveis: ar, água, solo e, conseqüentemente, a todos os ecossistemas e seres vivos que habitam não somente as áreas próximas aos empreendimentos, mas também em escala global.¹⁵

A contra-argumentação dos que defendem os benefícios da vinda do COMPERJ para a região apontam que os impactos, não ficam somente a nível ambiental, a construção de centros de qualificação seria uma busca de amenizar os riscos de desemprego e concentração de miséria da população local que, provavelmente, será atingida com a nova dinâmica social-econômica da região, sendo um dos fatores a falta de mão-de-obra local que demandaria na contratação de pessoas vindas de outras regiões.

¹⁴ COMPERJ/ Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro, trata-se um complexo (refinaria de petróleo-pólo petroquímico – parque industrial de transformação em produtos plásticos e químicos), fruto da parceria da Petrobras com o Grupo Ultra e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que visa à produção de resinas termoplásticas e combustíveis no município de Itaboraí, no Estado do Rio de Janeiro. Os investimentos iniciais são de US\$ 8,4 bilhões, com previsão de início de operação em 2012.

¹⁵ PANDEFF, Angeloff. GUIMARÃES, Mauricio. DONHA, Andre. SILVA, Janie. **Avaliação de impactos sócio-ambientais da indústria petroquímica: o caso do Comperj e a Apa-Guapimirim/RJ**. Disponível em: <http://www.latec.uff.br/cneg/documentos/anais_cneg4/T7_0036_0229.pdf>. Acesso em: 06/ 09/2009.

Assim, saindo em defesa do Comperj, no decorrer da matéria, o autor sequer menciona o nome da escola a ser demolida e qual destino seria dado à mesma. Demonstrando com isso a demolição da E M Luiz Gonzaga, como algo natural, e ainda, na visão do jornal uma ação necessária e insignificante diante do projeto maior que era a construção do centro de qualificação.

A indiferença do jornal, no entanto, não acontece de forma isolada. À matéria, de certa forma, reflete o descaso das autoridades e prefeitura local que segundo depoimentos dados pelas professoras, cede o terreno da Escola a Petrobrás, sem consultar os sujeitos envolvidos, acrescentando que além da escola precisar de reformas em seu antigo prédio, a parceria entre ambas (Petrobrás/ Prefeitura de São Gonçalo) iria proporcionar a construção de um novo prédio moderno e bem equipado para o funcionamento da escola.

Na promessa feita, como consta relatório¹⁶ feito pelos/as professores/as após reunião ocorrida na Secretária de Educação - em 04 de abril de 2007 - com a obra já em atraso o prédio a ser construído previa três pavimentos com acesso através de rampas. Contando, entre os recursos, com salas de aula multimídias, com uma biblioteca e auditório, laboratórios de informática e ciências, sala reservada a Grêmios, além de quadra polivalente com cobertura, arquibancadas, palco e vestiários masculino e feminino, além de espaços adaptados a portadores de necessidades especiais/cadeirantes.



¹⁶ Ver: ANEXO B.



Figuras 4, 5, 6 e 7 - Fotos do Projeto de (re)construção da E. M. Luiz Gonzaga.

Ainda em 2007, o projeto sofre alterações, possibilitando segundo relatório da Secretaria Municipal de Educação¹⁷, maiores ganhos a comunidade escolar, para melhor aproveitamento do solo e do espaço a escola contaria com três prédios de dois pavimentos cada e um prédio de um pavimento a ser utilizado exclusivamente para a administração da escola. A nova obra prevista para ser concluída até dezembro do mesmo ano possibilitaria o aumento de doze para dezesseis salas de aula.

Promessas feitas e obras que permanecem no papel...

E Escola Municipal Luiz Gonzaga? Enquanto a obra não sai, para onde vai?

Para minha surpresa, numa dessas “viagens” de ônibus, observo que um “antigo” posto médico - a qual minha mãe e família freqüentaram muitas vezes - e durante tempos vi mudar de fachada de acordo com o “político” que assumira o governo, agora a fachada não era mais de posto médico, alguém conseguira ousar mais que os outros e nascia ali a mais nova sede, *embora provisória*, da Escola Municipal Luiz Gonzaga.

Devo inicialmente dizer - antes de me aprofundar na história da escola e introduzir a discussão sobre patrimônio - que o trabalho de investigação para começar a levantar essa história inicia-se dentro da disciplina eletiva Memória, História e Formação de Professores, oferecida pelo Departamento de Educação.

Como parte das atividades propostas pela disciplina, tínhamos como desafio escolher uma escola dentro do Município de São Gonçalo, como campo de investigação, e assim, fazer o levantamento da história da mesma, culminando na elaboração de um trabalho escrito e apresentação à turma.

¹⁷ Documento de 21/06/2007. Ver: ANEXO C.

Como na ocasião, já possuía a intenção de fazer um trabalho monográfico sobre a Escola Municipal Luiz Gonzaga fiz a proposta ao grupo¹⁸ que aderiu ao convite. A investigação teve como fonte entrevistas, relatos orais, análise documental de materiais dos arquivos pessoais de professores/as, além da realização de uma oficina da memória com professores/as da escola, que será apresentada e discutida no terceiro capítulo, num movimento a partir do qual pude melhor conhecer o "Luiz Gonzaga".

O caminho metodológico escolhido para o processo investigativo envolvendo os sujeitos escolares foram evidenciando para mim a importância da reflexão sobre a escola como patrimônio.

Assim, chegou às nossas mãos - como parte do acervo pessoal de uma das professoras da escola - alguns dos trabalhos produzidos por alunos/as durante o processo de deslocamento da escola¹⁹.

2.2 - “A Escola Que Desejo...”

A escola que eu desejo é grande, com salas grandes arejadas, com quadras que quando chover não alague. Com biblioteca grande com mais livros. Com laboratórios de ciências, armários para os alunos não precisarem levar peso. Banheiros limpos com segurança, sala de computação, espaço para arte. (A Escola que Desejo/ Mariana, turma 502).

A fala de Mariana, aluna da Escola Municipal Luiz Gonzaga retrata em parte a realidade vivida no âmbito de uma das Escolas do Município de São Gonçalo. Realidade essa vivida por muitos/as educandos/as, em especial das classes populares, que convivem diariamente com a escassez e a falta de recursos destinados a escola pública no Brasil.

Mas, para além da *escassez de recursos*, o que Mariana reclama é da necessidade de um espaço que seja realmente escolar, onde “salas de assistência médica” não precisem ser “readaptadas” em sala de aula escolares. Onde a escola para além de oferecer os conhecimentos “científicos”, ofereça também *espaço para a arte*, para os esportes.

Um *apelo* ou talvez possamos chamar de um *grito*, de quem compreende o perigo de pensarmos a escola e seus sujeitos como objetos adaptáveis sem levar em conta suas múltiplas necessidades.

¹⁸ Além de mim, o grupo era constituído pelas seguintes alunas: Camila Cardoso, Cíntia Gama, Renata Kelly e Fabiana Cirino.

¹⁹ Produções dos alunos constam em: ANEXO D.

A “Escola que Desejo”, título dado pela aluna durante trabalho proposto pela professora da turma não deveria tratar-se de uma realidade *desejada*, pois, o que Mariana escreve em seu trabalho como sendo um sonho/ uma realidade que se mostra utópica é o *mínimo* de recursos necessários para o caminhar de uma escola pública de qualidade.

É no contraste entre a demolição de uma escola sem a uma preocupação mínima de consulta à comunidade que a compõe e os sonhos de uma criança que, na verdade, representam apenas uma faceta dos direitos que lhe estão sendo negados como cidadã, que trago a discussão sobre a escola como patrimônio.

A Escola pode ser vista como patrimônio? O que caracteriza um patrimônio? CHAGAS nos fornece pistas para pensar a questão:

Quando, sobre determinado artefato, incide, por algum motivo, uma ação preservacionista, disposta a enquadrá-lo na categoria de patrimônio cultural, é para essa conjugação complexa que essa ação está apontando. Em outros termos, a preservação dos denominados “bens culturais tangíveis” busca e assenta sua justificativa não na materialidade dos objetos, e sim nos saberes, nas técnicas, nos valores, nas funções e nos significados que representam e ocupam na vida social. Assim, é possível sustentar que aquilo que se quer preservar como patrimônio cultural não os objetos, mas seus sentidos e significados; ou seja, aquilo que confere sentido ao bem tangível é intangível. (2009: 98 - 99).

Ao falar em *patrimônio*, o autor nos faz um alerta, o que caracteriza um patrimônio e assim o “torna” é o *sentido* a ele conferido, que passa dos limites do *tangível* ao *intangível*. O bem tangível, dessa maneira, só pode ser assim chamado pela significância a ele atribuída, pelo lugar ocupado na vida social e cultural de seus sujeitos.

Durante anos no Brasil considerou-se como patrimônio histórico apenas a estrutura arquitetônica de uma cidade, os monumentos, quadros e esculturas, ou seja, os “bens de pedra e cal”. A partir da constituição de 1988, artigo 216 tem sido redefinida a maneira de pensar o patrimônio, para além de ser histórico (focado nos monumentos), como um bem cultural de natureza material e imaterial.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.
(Constituição Federal de 1988)

A partir da Constituição Federal de 1988, podemos definir como patrimônio cultural de um povo, toda a forma de manifestação popular individual ou coletiva, formadora de uma identidade local/ nacional. Sendo estes, de natureza material (monumental) que incluem: objetos, artefatos, arquitetura entre outros, e de natureza imaterial, cultivados pelas formas de expressão de um grupo, podendo ser estas, manifestações religiosas, festas e danças populares, lendas, costumes e etc.

OLIVEN nos alerta para a significância do termo *patrimônio*, palavra de origem inglesa, que tem como definição algo transmitido de uma geração a outra a qual procura-se preservar para não correr o risco de ser destruído. Quando falamos em patrimônio cultural, estamos nos referindo direta ou indiretamente ao passado, o qual a exemplo do que ocorre com a tradição é sempre construído a partir do presente.

O termo “patrimônio” – em inglês, *heritage* – refere-se a algo que herdamos e que por conseguinte deve ser protegido. O patrimônio cultural precisa ser preservado, numa operação por meio da qual se procura guardar algo que corre o risco de ser destruído. Daí a idéia de que o patrimônio precisa ser mantido intacto, como se o tempo não passasse. Algo parecido com o costume de dar banho de bronze nos primeiros sapatos de uma criança e guardá-los em cima da cristaleira da casa. Esse processo de “congelamento” está sempre presente na idéia de patrimônio. (2009: 80).

O que falar então dos saberes construídos, acumulados e organizados ao longo do tempo pela humanidade, difundidos e/ou reelaborados pela escola? Também não seriam patrimônio?

Mas, o que tem sido eleito como patrimônio? Para preservar antes é preciso classificar e para a função existem os agentes/ guardiães do patrimônio que definem o que é, e o que não é digno de ser preservado (idem, 2009: 80).

A Escola Municipal Luiz Gonzaga foi inaugurada no dia 1º de setembro de 1989 no endereço Avenida Presidente Kennedy, Bairro Estrela do Norte no Município de São Gonçalo. Desde sua fundação atende a alunos/as do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental, sendo a única Escola Pública dentro dos limites de seu bairro a receber alunos e alunas do primeiro e segundo segmento do ensino regular e EJA/ Educação de Jovens e Adultos.

Por iniciativa do, então, prefeito da época que inaugurou durante seu mandato dezessete escolas no Município “nasce” a Escola Municipal Luiz Gonzaga. Sob discurso acalorado, durante inauguração da escola, o prefeito remete-se a fala do então ex-governador Leonel Brizola: “povo sem educação é povo sem liberdade”, acrescentando que “a educação é o sustentáculo definitivo da democracia”²⁰.

No entanto, o entusiasmo garantira apenas, pelo menos no contexto da Escola Municipal Luiz Gonzaga o prédio e os funcionários. Não significava dar condições para seu pleno funcionamento como revela a fala da professora Rosa²¹, durante entrevista:

Quando passei a dirigir a escola, faltava tudo nela. Desde o mobiliário, até toda a parte de secretaria, a parte de cozinha. Então cada um de nós trouxe de sua casa o que a escola precisava. Nós trouxemos painéis, mimeógrafo, pastas velhas para organizar os arquivos da secretaria e ficamos aguardando o mobiliário que chegou. Quadros, nós não tínhamos quadros improvisávamos aulas com papel pardo, até que a escola foi sendo montada aos poucos e foi assim, com a nossa força mesmo e a nossa vontade da escola começar a funcionar. E daí pra frente...

Prédio inaugurado, porém, sem muitos dos recursos necessários para seu funcionamento, a escola funcionar. É a partir da mobilização de seus professores/as e funcionários/as que a Escola Municipal Luiz Gonzaga inicia suas atividades.

Funcionando numa área de 1088m², com capacidade para atender cerca de novecentos alunos, a escola de acordo com os depoimentos recolhidos sempre procurou utilizar seus espaços para desenvolver projetos tais como: atividades visando a promoção da paz, feiras integradas, feiras de ciências, exposições.

E ainda, atividades extracurriculares, como iniciação musical contando com um Maestro e uma Banda de Música, além de desenvolver atividades esportivas, propostas na aula de Educação Física que levaram a mesma a ser campeã em Futebol de Salão/ Futsal dentro do Município de São Gonçalo e campeã Estadual em Handebol.

²⁰ Ver decreto de criação da Escola nº 054/89. ANEXO A.

²¹ Convidada pelo Secretário de Educação Walter Laranjeiras, a professora Rosa Maria Belo Moura é a primeira a assumir a direção da escola, nos dias atuais, está à frente da coordenação do segundo segmento regular do Ensino Fundamental.

Arquivo pessoal da professora Sueli



Figura 8 - Exposição das produções dos alunos/as.

Arquivo pessoal da professora Sueli



Figura 9 - Projeto pela paz.

Arquivo pessoal da professora Sueli



Figura 10 - Troféus conquistados pela escola.

Outra marca da Escola e seus sujeitos é a atuação política dos mesmos, que culminou na formação no ano de 1999 na criação da ADELGO/ Associação de Docentes da Escola Municipal Luiz Gonzaga reconhecida em cartório, a ADELGO foi a primeira Associação formada por iniciativa de professores/as do Município de São Gonçalo.

ADELGO

Escola Municipal Luiz Gonzaga .
Quantos somos?
A Adelgo somos nós !

1-Angela dos Santos Santana Bueno .
2-Ana Maria Machado de Oliveira Gomes .
3-Américo Quathrociochi Filho .
4-Antonia Lúcia Duim da Costa .
5-Beatriz dos Santos Damasceno .
6-Carlos Henrique da Cunha Kautscher .
7-Carmem Lídia Santos Gesteira .
8-Débora Alves Martins .
9-Deise Luci de Brito Ferreira .
10-Denize Terrezinha A. Barroso .
11-Derly Maria Quintanilha Vieira de Moraes .
12-Dulcimar Rezende Costa Domingues .
13-Ermani dos Santos Magalhães .
14-Euzinete Nogueira Pereira .
15-Jane Maria Branco Ferreira .
16-Jorge Lamez Rodrigues .
17-Lúcia Helena de Souza Goulart .
18-Ludmila Toste Barroso .
19-Magali Andrade de Azevedo .
20-Máize Campos de Oliveira .
21-Marcello Augusto Rangel Mendes .

22-Marcelo Dias da Cunha .
23-Maria Aparecida de Queiroz Felix .
24-Maria Cristina Pires Pêgo .
25-Maria de Lurdes Izidoro da Silva .
26-Marina Fernandes de Souza Sales .
27-Martha Peçanha de Vasconcelos .
28-Mauro Ricardo Henriques da Silva .
29-Nilson do Carmo Couto .
30-Raimunda Oliveira dos Santos .
31-Richard Erwin Langes .
32-Rita de Cássia Ferreira Rangel .
33-Rita Nogueira de Rezende Carvalho .
34-Rosália do Nascimento Campos .
35-Rosa Maria Belo Moura .
36-Rosilene da Silva Costa .
37-Silvana Marques Souza .
38-Sonia Regina Oliveira da Costa Souza .
39-Sueli Siqueira de Sant'Anna .
40-Tânia Lúcia Pereira Simões .
41-Vânia Guerra Taguti .
42-Vera Lúcia de Oliveira Soares .

Figura 11 – ADELGO (professores/as associados).

O compromisso político de seus profissionais materializados na criação da Associação também se espelhava numa prática pedagógica que estimulava projetos tais como: o Jornal Análise e Crítica, construído por alunos/as que buscava tratar e debater de questões/ problemas recorrentes do dia-a-dia na/da escola.

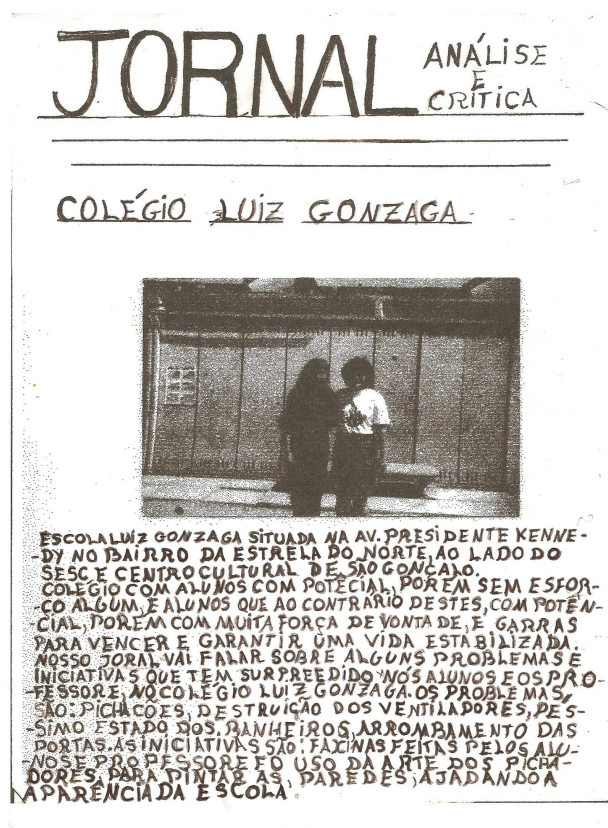


Figura 12 – Jornal Análise e Crítica.

Ao completar dezessete anos a Escola Municipal Luiz Gonzaga, sem uma manutenção permanente, que infelizmente parece fazer parte de nossas tradições, cujas consequências aparecem retratadas na falta de conservação ou em casos mais extremos na depedração dos prédios públicos, também já demandava uma série de reparos solicitados insistentemente por seus dirigentes junto à Secretaria de Educação.

A necessidade de reparos, solicitada por direito pela comunidade escolar, acabou embasando o discurso das autoridades locais, servindo como pretexto e aparecendo em primeiro plano na escolha da escola para ser demolida e dar espaço para a construção do centro de qualificação.

Em 2007, ano que completou seus dezoitos anos ou a “maioridade”, como dito por seus sujeitos, viu-se obrigada a comemorar num espaço cedido por outra escola nas redondezas²², isto porque, desde o ano de 2006 a Escola vem funcionando, na Rua Dr. Nilo Peçanha 494, no mesmo bairro, no prédio de um antigo posto de saúde/SAMDU²³ desativado pela prefeitura.

A instalação da escola, num prédio alugado de forma “improvisada” pela prefeitura, sob a promessa da construção de uma nova escola deu-se por conta da concessão do terreno, onde esta funcionava, a empresa Petróleo Brasileiro S. A/ PETROBRAS.

Direção, professores/as e funcionários/as ficaram sabendo da doação do terreno e da transferência da Escola por terceiros e após vários pedidos de esclarecimento a respeito de como ficaria sua situação é que receberam um comunicado oficial da Secretaria Municipal de Educação garantindo, segundo a mesma, sua transferência provisória a um local “com maior conforto e segurança” e a construção de uma nova sede.

Ilustríssimo Senhor Diretor (ANEXO E):

Atendendo a inúmeras solicitações dos professores, alunos e comunidade, vimos comunicar que a partir da primeira quinzena de setembro do corrente ano todas as atividades docentes referentes a esta Unidade Escolar serão desenvolvidas na Rua Nilo Peçanha, 494 – Estrela do Norte – São Gonçalo, em instalações significativamente superiores às atuais, oferecendo maior conforto e segurança aos alunos e funcionários. (Grifo meu).

Cabe ainda destacar que as obras de construção da sede oficial desta Unidade Escolar, na Rua Toledo Piza, s/nº - estrela do Norte, serão concluídas ainda no primeiro trimestre letivo do próximo ano [2007]. (Ofício nº 1064/GAB/2006 de 28/08/2006).

²² O Educandário Cecília Meireles. Uma escola da rede privada de ensino.

²³ SAMDU ou Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência foi criado no ano de 1949 e é considerado uma das primeiras atividades planejadas de assistência domiciliar à saúde no Brasil. Inicialmente vinculado ao Ministério do Trabalho, este foi incorporado pelo recém criado Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), tendo seus serviços implantados em, além do Estado do Rio de Janeiro, em outros estados.

O pretexto dado para demolição da escola, fora que o prédio da mesma, havia sido condenado pela Defesa Civil. No entanto, o suposto laudo nunca foi apresentado à comunidade escolar e embora, a promessa feita que até o primeiro trimestre de 2007, sua nova sede oficial, estaria pronta até os dias de hoje, último trimestre de 2009, a escola permanece em “sede provisória”.

A transferência provisória da escola, para um local onde segundo a Secretaria de Educação garantia ser um local de maior conforto e segurança trata-se de uma construção planejada/elaborada para o serviço de atendimento médico, sendo assim, sua estrutura jamais poderia oferecer maior conforto do que uma construção elaborada para o recebimento de uma escola.

As salas de aulas funcionam em antigos consultórios e enfermarias, o que compromete a acústica e a concentração dos alunos, dado a proximidade das salas, o tamanho mínimo de algumas, e ainda, por ser um espaço aberto, não possuindo portas e janelas.

Arquivo pessoal do aluno Diego Dutra



Figura 13 - Enfermarias ou salas de aula...

Visitar a escola/ Samdu, levava-me a recordar de quando criança o quanto era terrível ir a um local como este. O sofrimento das pessoas é algo presente, o choro das crianças ao serem dirigidas as áreas onde era reservada a "aplicação de injeções", misturadas ao meu próprio medo de estar naquele local são algumas das lembranças que tenho da minha infância.

Cabe ainda dizer, que uma “brincadeira” muito comum nas escolas e que me causava grande pavor, eram as histórias por vezes contadas de fantasmas, como o mito da mulher de branco/ a loira do banheiro, um espírito de uma ex-aluna que teria se suicidado dentro do banheiro que aparecia de forma misteriosa, era uma dessas narrativas.

Não muito diferente, ao chegarem à nova “escola”, os alunos/as traziam/trazem consigo também muitos desses medos. Por se tratar de um local que prestava assistência médica e de emergência, o local possui um necrotério, fato que levou uma das alunas do primeiro ano, a pedir para fazer uma oração, antes de a escola iniciar suas atividades, pedindo a Deus que afastasse tudo de ruim daquele local e esse que fora um espaço de sofrimento agora se transformasse em lugar de muita alegria.

No espaço onde a escola foi acomodada não existe condições necessárias para o alocamento de uma biblioteca, sala de vídeo ou quadra de esportes. Esses recursos com os quais a escola contara na antiga sede, hoje de forma precária também estão em espaços adaptados.

Uma das amostras da precariedade a qual a escola se encontra é a questão da falta de um espaço apropriado para o treinamento de sua equipe de handebol/ Futsal. Tendo ainda, as aulas de Educação Física, ministradas apenas em sala de aula. O espaço utilizado como quadra e pátio, é a parte da frente do antigo posto de saúde onde, pacientes e familiares esperavam por atendimento. Trata-se de um espaço não coberto, exposto a via pública e a seus perigos.

Jornal Extra. Foto de Carlos Evan²⁴.



Figura 14 - Sem quadra alunos improvisam o jogo de bola.

Ao contemplar o jogo de bola improvisado, uma professora lembra que a quadra demolida da antiga sede levou dez anos para o término de sua construção. Além de servir como espaço de treinamento para suas equipes, esta foi palco de vários eventos na/da Escola sendo motivo de orgulho para seus sujeitos.

²⁴ Jornal Extra, Rio de Janeiro, p. 03, 6 dez. 2008.

Arquivo pessoal da professora Sueli



Figura 15 - Quadra hoje demolida.

Arquivo pessoal da professora Sueli



Figura 16 - Apresentação de alunas na quadra da Escola

Em nota o Jornal Extra de dezembro de 2008²⁵, aponta ainda, outras dificuldades enfrentadas pela comunidade escolar: (...) *há dois anos convivem com banheiros sem tranca, ventiladores inoperantes, ausência de área de lazer, goteiras e até com a sala hoje trancada, onde eram guardados corpos de pacientes mortos no SAMDU.*

Arquivo pessoal do aluno Diego Dutra



Figura 17 - Corredor da Escola tomado por goteiras.

Arquivo pessoal do aluno Diego Dutra

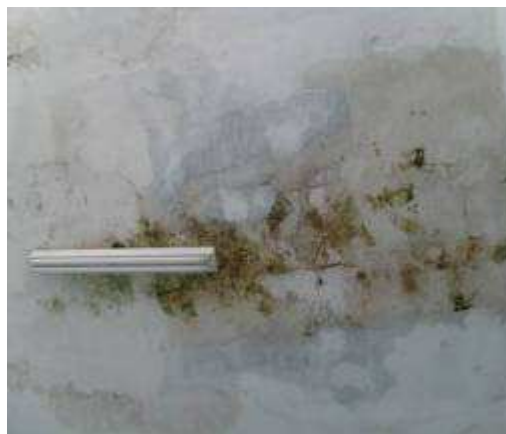


Figura 18 - Infiltração junto às instalações.

²⁵ MASCARENHAS, Gabriel. **Aula no lugar errado**. Jornal Extra, Rio de Janeiro, 06 dez. 2008: Canal Minha Cidade: Educação, p. 03.



Figura 19 - O espaço reservado à biblioteca também não escapa das goteiras.

A escola que anteriormente, possuía capacidade de atender cerca de novecentos alunos/as, tem hoje aproximadamente 434 alunos/as matriculados nas turmas de ensino regular (manhã e tarde) e 196 alunos/as distribuídos nas turmas de EJA (noite) ²⁶. No total, a escola tem hoje 690 alunos/as matriculados, tendo uma baixa de 210 alunos/as.

Além de problemas estruturais, em março de 2009, a escola teve suas atividades interrompidas por uma semana devido a uma infestação de pulgas no local: “*Algumas pessoas foram picadas e ficaram com caroços no corpo. Uma das vítimas ficou até com a blusa preta, de tanta pulga*” ²⁷.

As pulgas são conseqüências da sujeira e abandono do local - durante o tempo que permaneceu desativado - e ainda, a falta de condições sanitárias atuais. Nos arredores da Escola está localizado um terreno baldio, de onde vêm parasitas, ratos e baratas. “*Não gosto dessa escola. Está suja e cheia de baratas. Os banheiros não têm papel higiênico. Não temos quadra de esporte para brincar*” ²⁸.

Contraditoriamente, porém, são fatos como este que afetam diretamente a comunidade escolar, que tem contribuído para que os problemas ocorridos na escola ganhem visibilidade, frente à mídia local, impedindo que a realidade presente vivida pela escola caia em

²⁶ A Educação de Jovens e Adultos da comunidade, também é uma marca da Escola, que em seu primeiro ano de funcionamento, procurou atender somente a alfabetização de adultos, mas a partir do segundo aderiu a novas turmas subseqüentes, atualmente, a escola atende a EJA com turmas que vão do primeiro ao nono ano, do ensino fundamental.

²⁷ Fala de funcionária da escola ao jornal o Dia, publicado em 10/03/2009. Disponível em: <http://odia.terra.com.br/educacao/htm/acorrentado_por_educacao_234957.asp>.

²⁸ Fala de aluna ao jornal O Fluminense, publicado em 10/03/2009. Disponível em: <<http://www.ofluminense.com.br/noticias/205858.asp?pstrlink=2,76,0,205858>>.

esquecimento e a opção mais simples seja fechar a escola e redistribuir alunos/as, professores/as e funcionários/as.

Frente a esses imensos desafios, contudo, a escola não tem se acomodado. Pelo contrário, múltiplas ações da comunidade escolar como por exemplo, reuniões internas envolvendo pais/mães/professores/as/funcionários/as e Sepe/SG, que culminaram em abaixo-assinados, processos junto a Vara de Infância e Juventude²⁹, reuniões junto a Secretaria de Educação, tem sido a base da resistência/sobrevivência da Escola Municipal Luiz Gonzaga nos últimos três anos.

Apesar disso, as obras da Escola, ainda não foram concluídas e durante esse tempo já passou por várias empresas de construção civil e processos licitatórios, enquanto o prédio do Centro de Integração do Comperj encontra-se pronto e em funcionamento.



Figuras 20 e 21 - Centro de Integração do Comperj.



Figuras 22 e 23 - Escola Municipal Luiz Gonzaga

Em vista disso, cabe a pergunta: será que o poder público reconhece a Escola Municipal Luiz Gonzaga como patrimônio cultural da comunidade gonçalense? Que

²⁹ Documentos constam em: ANEXO F.

implicações esse reconhecimento ou não reconhecimento traz no que diz respeito ao atendimento ao direito da população congregada na escola a uma educação de qualidade? E a comunidade (se) reconhece a Escola Municipal Luiz Gonzaga como patrimônio cultural da comunidade gonçalense?

O que é, e o que não é digno de ser preservado, em geral tem sido definido por uma parcela da sociedade que, sob a aparência da neutralidade, distingue os bens culturais em função de uma “alta” ou de uma “baixa” cultura.

Nesse sentido, ao olharmos para algumas escolas públicas, principalmente às que se destinam às camadas populares nem sempre encontramos o seu reconhecimento enquanto “patrimônio”, que acaba sendo reservado para aquelas que, historicamente, tem sido reservada para as classes médias ou para a elite.

Em oposição, em inúmeros relatos, entrevistas abertas, conversas informais com "as pessoas comuns" nas quais se incluem os sujeitos escolares nos deparamos constantemente com a referência da escola como rico patrimônio: portador de memórias, de conquistas, de inúmeras histórias, “causos”, que vão deixando suas marcas ao longo do tempo.

Memória que vale ouro: Tenho várias, meu aniversário ele foi muito comemorado. Aquele que eu fiz cinquenta anos foi marcante. Era Festa Junina na Escola e tinha um sorteio, de um cestão. Eu comprei um mês antes o numero cinquenta, na hora do sorteio saiu à dezena 50 e eu estava fazendo cinquenta anos. Aí todo mundo disse, foi cambalaxo, mais não foi, pois foi tirado pelos alunos, era um bingo, foi sorte mesmo. (Sueli – merendeira da escola)³⁰.

Outra questão que se coloca é a referência do lugar, para os que permanecem e os que de certa forma se vão, os que nele estudaram ou trabalharam construíram sua trajetória individual/ coletiva e tem sua vida história entrelaçada ao mesmo. “O que vou dizer a meus filhos professora? Como vou mostrar a eles a Escola onde estudei?”³¹ A Escola nessa perspectiva é definida por seus sujeitos como “lugar de memória”³².

³⁰ Depoimento dado pela merendeira da escola Sueli, durante a oficina proposta na escola.

³¹ Fala de um ex aluno da Escola Municipal Luiz Gonzaga, a professora Marina, a respeito da derrubada do prédio.

³² Nos “lugares de memória” – museus, escolas, universidades, sindicatos, fundações, ruínas, conjuntos arquitetônicos, paisagens, agremiações, clubes de mães, arquivos, centros de documentação – onde se cruzam memórias individuais e coletivas; familiares e institucionais; sindicais e patronais; estatais e sociedade civil, entre outras, se materializam e conservam as memórias de um povo. Além disso, como nos ensina Pierre Nora, os “lugares de memória” também podem ser imateriais tais como: os sabores da comida baiana, o ritmo dos tambores africanos, a bandeira do divino, a “mulher memória” de uma comunidade, os saberes do uso medicinal da flora dos povos da floresta amazônica. (ARAÚJO, PEREZ, TAVARES, 2006: 24).

"Ao apagar" lugares de memória reconhecidos como tais por uma parcela da população gonçalense, contribuindo para quebrar os vínculos da população com sua própria história, o poder público não estaria contribuindo para fortalecer o estigma da "cidade dormitório", da cidade que adormece suas histórias e memórias?

As implicações do não-reconhecimento da Escola Municipal Luiz Gonzaga como “lugar de memória” da mesma forma como numa escala mais geral o não reconhecimento da escola pública, especialmente a que atende às classes populares, como um patrimônio cultural material e imaterial a ser preservado tem levado os sujeitos escolares a conviverem com toda sorte de precariedade que se reflete no plano dos recursos materiais, mas, não se limita neles, também diz respeito ao currículo e ao processo ensino-aprendizagem comprometendo em última análise o direito a uma educação de qualidade.

Dessa maneira, uma escola com seus vinte anos de história corre o risco de ser extinta face o descomprometimento das autoridades políticas do Município de São Gonçalo. De fato, a educação pública no Brasil há muito não tem sido tratada de forma prioritária, compondo como tratado por Mariana, uma “realidade desejada”, um sonho ainda não realizado.

CAPÍTULO III

OUTRAS MEMÓRIAS DE OURO, QUE FAZEM RIR, CHORAR OU DE LUTA, ESPERANÇA, RESISTÊNCIA, GRATIDÃO E CARINHO DA ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GONZAGA...

Como falar da história/ memória da Escola Municipal Luiz Gonzaga e não trazer para melhor explicitar tais memórias as falas de seus sujeitos? Histórias/memórias nas quais, não são meros coadjuvantes, mas que atravessam seu cenário assumindo o papel principal, de maneira que a história da Escola se confunde com as histórias de seus sujeitos.

Com esse propósito, a fim de escutar os sujeitos que compõe a escola e certamente tem muito a nos contar sobre ela é que foi realizada/desenvolvida na Escola a “Oficina da Memória”.

Tal oficina realizada com quatro professoras do ensino fundamental da Escola Municipal Luiz Gonzaga tinha como proposta “resgatar³³” algumas memórias vividas durante o tempo em que trabalham na escola, tendo como referência o livro Guilherme Augusto de Araújo Fernandes. A partir da leitura do livro propusemos às professoras que também registrassem suas memórias que “valiam ouro, faziam rir, chorar, são quentes”, e depois compartilhassem com o grupo. Após um primeiro momento de resistência, todo o grupo se envolveu.

Entendendo a importância de ouvir também outros sujeitos da escola, que não puderam estar presentes na oficina, entrevistamos em separado a coordenadora Rosa, primeira diretora da escola e a merendeira Lúcia. Com esta, mantivemos a mesma dinâmica da oficina buscando saber memórias de *ouro, quentes, que fazem rir, chorar...* sobre sua vida na escola;

Quem é Guilherme Augusto de Araújo Fernandes? O que são memórias? Memórias são lembranças que podem nos *fazer chorar, rir, algumas são de ouro, outras, são quentes.*

³³ Segundo HALBWACHS (1990), quando fazemos o movimento de relembrar algo, lembramos de fatos passados, no entanto, fazendo uma releitura a partir das situações que somadas as nossas experiências vividas, nos afetam no momento presente. Dessa forma, ao “resgatar” as memórias vividas pelos diferentes sujeitos, não apenas fazíamos o movimento de lembrar fatos passados, de uma vez, que o ato de “lembrar” é marcado pela reconstrução do passado a partir do presente.

Enfim, cada sujeito é único e suas memórias estão intrinsecamente ligadas a processos sociais diversos.

Guilherme é um menino, vizinho de um asilo de idosos, e ao ficar sabendo que Dona Antônia, perdera a memória, se põe a buscar o seu significado. Como resposta, ouve que memória é algo bem antigo, que faz chorar, faz rir, algumas valem ouro e outras ainda recentes são quentes. Guilherme monta uma cesta e leva à Dona Antônia, com alguns objetos significativos para ele, que remetem a essas memórias. Os presentes devolvem a Dona Antônia à lembrança de suas memórias “perdidas”.

O que poderíamos dizer de um sujeito que “perdeu” suas memórias? Perder as memórias significa ficar vulnerável as memórias/ lembranças de outras de pessoas. Podemos dizer, que uma pessoa sem memória é uma pessoa sem identidade. O que de certa forma confere ao sujeito um sentimento identitário em suas relações com outros sujeitos, são suas memórias construídas e (re)construídas ao longo de sua vida.

Somos sujeitos de memória, podemos dizer que somos quem somos, porque temos nossas memórias/ vivências acerca do mundo, que de certa forma, foram se constituindo até sermos o que somos, por conta dos lugares que passamos, das pessoas que fomos conhecendo ao longo desse percurso.

Não deixar que as memórias e a história da Escola Municipal Luiz Gonzaga fiquem *vulneráveis* as memórias de outros sujeitos e, conseqüentemente, a uma única versão dos fatos é um dos objetivos do presente trabalho - realizado em parceria com os sujeitos escolares - trabalho feito a partir de fontes/ depoimentos orais, nos fornece pistas para pensarmos a Escola enquanto patrimônio.

Qual a importância de ouvir os sujeitos escolares? De que maneira o trabalho com depoimentos orais, podem contribuir para melhor conhecermos/compreendermos a história da Escola Municipal Luiz Gonzaga e assim pensá-la como patrimônio?

Ouvir os sujeitos escolares e o que eles nos têm a contar faz-se de essencial importância, de uma vez que a história da escola, não acontece deslocada da vida de seus sujeitos, tal abordagem permite um *olhar outro* sobre os fatos, para além do documentado e ainda, como nos alerta THOMPSON (2002: 44), permite ampliar os limites da história: “admitindo heróis, não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo”.

Tanto a oficina, quanto as entrevistas³⁴ suscitaram inúmeras lembranças nos sujeitos escolares, sendo um momento de muita emoção, para os envolvidos, marcado por choros,

³⁴ Depoimentos dados na oficina e entrevistas em: ANEXO G.

risos, demonstrando que ao falar em memórias, não falamos em algo que está de maneira *estática no passado*, mas que nos atravessa no momento presente.



Figura 24 - Oficina realizada na Escola junto às professoras.

Dessa maneira, a história da escola marca a trajetória dos sujeitos escolares, de tal forma, que não podemos contá-la desvinculada das histórias de seus sujeitos.

Assim, para coordenadora, a Biblioteca da Escola é um lugar muito especial, pois essa recebeu o nome de sua filha Rosana Belo Moura, ex-aluna da escola, falecida ainda jovem sendo uma forma encontrada pela escola em homenageá-las.

Também eu digo que essa biblioteca, apesar de estar hoje em condições muito precárias, significa muito para mim, pois a minha filha que foi aluna da escola é a patrona dessa biblioteca. Ela faleceu já tinha saído da escola. Ela fez todo o segundo segmento, da 5ª a 8ª na escola e depois foi para o Instituto de Educação e se formou professora. Quando ela veio a falecer as diretoras na época que eram Sonia e Euzineth, prestaram essa homenagem a mim e a ela também e deram o nome da Biblioteca de Rosana Belo Moura e pra mim isso significa muito. (fala da coordenadora Rosa)

A história da Escola pode ser definida ainda, segundo a professora Débora, como uma história de amor, de luta e de resistência é sua outra família, *outra*, pois segundo fez questão de explicitar, ao colocar em segundo plano hierarquizamos, elegemos o que para nós é prioritário. Para ela a escola não pode/deve ser vista como algo a ser colocado em segundo plano, não podendo ser definida em grau de importância.

Uma história que me marcou foi um ano de greve, que pela primeira vez todos os professores e funcionários aderiram. Senti uma união e solidariedade entre nós jamais vista e foi graças a isso que nós conquistamos muitos de nossos direitos que hoje usufruímos. Além desse episódio, o Luiz Gonzaga representa minha outra família, onde tenho o

prazer de conviver durante quinze anos da minha vida. Se eu pudesse resumir esta escola em três palavras seriam: amor, luta, resistência. (Professora Débora).

Outro fato de especial importância é que as memórias/histórias da Escola não atingem somente os sujeitos participantes diretamente dessas histórias. Vividas também coletivamente, marcam a história da comunidade, bairro, cidade, e respectivamente também as memórias desses sujeitos.

Recém chegada a Escola, a professora Vânia, também fez questão de participar da oficina, contando que apesar de estar há pouco tempo trabalhando na Escola, sua relação com ela não vem de hoje.

Tendo participado de cursos de formação que eram oferecidos na antiga sede da escola, em inícios de períodos letivos e, ainda, como professora da rede municipal tem acompanhado a participação ativa dos professores do Luiz Gonzaga nos movimentos sindicais, que culminou no desejo, hoje realizado, de estar trabalhando na escola.

Lembro-me dos cursos de início de período letivo realizados no antigo Luiz Gonzaga. Recordo-me da luta [passeatas] para a construção de um novo prédio. Lembro-me do dia em que, no início deste ano, havia vaga para a minha disciplina na Escola Municipal Luiz Gonzaga e eu fiquei feliz. Fui bem recebida por todos. (Professora Vânia).

A Escola também é um espaço onde permeia as relações de amizade entre os seus sujeitos. Talvez por isso, uma memória que vale ouro, para a professora Sueli é sua chegada a Escola no ano de 1993, marcada por um ano de greve no Município. Chamada pela professora Ana Maria, para ir até o local da manifestação dos professores, ali conheceu muitas de suas, hoje, colegas de trabalho.

O que me marcou foi a minha chegada ao Luiz Gonzaga no ano de 1993, eu cheguei e não encontrei a diretora da escola. Então fui até a diretora adjunta e me apresentei, sou a professora Sueli e ela: _Tudo bem, só que no momento estamos num período de greve. Então passou a professora de Arte, e ela me apresentou: _ Olha essa é a professora Sueli. A professora Ana Maria _ Ah, é! Vamos! Então, eu conheci as demais colegas sentadas na escadaria da prefeitura, dividindo biscoitinho, outras ao microfone. Conheci quase todas. E eu sem saber quais as consequências, eu fui sabe. Fui e conheci o grupo ali. Foi assim, uma mostra do que era a escola. Foi muito legal. (Professora Sueli).

Há dezenove anos trabalhando na escola, sendo uma das primeiras professoras a chegar à escola, a professora Marina, recordou vários momentos, que denominou de

memórias: *quentes, triste, extremamente dolorosa, de luta, esperança, resistência, gratidão e carinho*:

Memória quente – os projetos que realizamos em vários momentos no Luiz Gonzaga (São Gonçalo, 500 anos de Descobrimento da América e a minha própria chegada a Escola. **Memória triste** – perdemos vários alunos e colegas que tínhamos muito carinho. **Memória extremamente dolorosa** – receber a notícia que a escola seria derrubada, ver a escola literalmente no chão, estar no SANDU. **Memória de Luta** – as inúmeras reuniões sobre educação, movimento dos professores, a busca da reconstrução do Luiz Gonzaga. **Memória de Esperança** – os novos alunos que chegam, os alunos que partem e levam o ideal do Luiz Gonzaga dentro de si, a reconstrução da escola. **Memória de resistência** – organizar a festa dos 18 anos da Escola Luiz Gonzaga, num prédio de uma outra escola (Escola Particular). **Memória de Gratidão** – por ter construído minha vida profissional e junto com ela criar meus filhos e a minha família. **Memória de Carinho** – pelos que me ajudaram a ser o que eu sou hoje e os amigos que cultivo até hoje. (Professora Marina)

Para além, das *memórias individuais*, que marcam a trajetória de seus sujeitos, as memórias da Escola também são partilhadas pelo seu *coletivo*.

Durante a oficina, as professoras, ao compartilharem algumas de suas memórias, outras histórias sobre a escola foram sendo lembradas coletivamente, sendo assim, uma história que *faz rir* as professoras do Luiz Gonzaga foi à ida de um prefeito a escola, interrompendo todas as atividades do turno, por conta de um desenho/ caricatura do mesmo, feito por um de seus alunos/as:

Marina: Essa Escola sempre incomodou muito dentro da rede, nós tivemos a escola fechada por um prefeito, por causa de uma caricatura que colocaram no quadro de aviso “chamaram o prefeito de rato e ele se enforcou”. O prefeito veio à escola, mandou suspender as aulas, reuniu todo mundo no refeitório, ele todo vestido de preto e perguntou quem é que fez? Eu quero o nome! Eu não agüentei, me deu um ataque de riso, porque aquilo foi ridículo.

Sueli: Nossa, quando ele tirou aquele desenho...

Marina: Foi... Do rato. [risos]. Foi demais, aquele momento. [risos].

Sueli: Quando ele tirou aquele desenho e mostrou, eu disse: não acredito nisso, esse homem parou a escola, por causa de um desenho de um rato... (professoras Marina e Sueli).

A resposta criativa do grupo à proposta inicial da oficina para que narrassem algumas de suas memórias associando-as às de "rir, chorar, quentes, antigas" de "Guilherme Augusto", criando inúmeras outras "categorias" de memória, tais como: luta, carinho, resistência, gratidão, quem sabe estimulariam a Men Fox (autor do Livro) a produzir novas histórias.

Para nós, reafirmava a potencialidade da narrativa como um instrumento de reflexão sobre o vivido e de construção de projetos futuros.

Ao pensarmos a Escola como Patrimônio, entendendo o mesmo “para além, da pedra e cal”, ou como define a UNESCO (1993):

O conjunto das manifestações culturais, tradicionais e populares, ou seja, as criações coletivas, emanadas de uma comunidade, fundadas sobre a tradição. Elas são transmitidas oral e gestualmente, e modificadas através do tempo por um processo de recriação coletiva. Integram esta modalidade de patrimônio as línguas, as tradições orais, os costumes, a música, a dança, os ritos, os festivais, a medicina tradicional, as artes da mesa e o “saber-fazer dos artesanatos e das arquiteturas tradicionais.

Vemos que a escola também é um local privilegiado de circulação de memórias/histórias/ “causos”, sendo muitas as *redes* vivenciadas por seus sujeitos. É definida, ainda, explicitamente na fala de alguns e implicitamente na de outros como lugar também de resistência.

Ouvir as memórias dos sujeitos escolares nos permite (re)conhecer a história da Escola Municipal Luiz Gonzaga, assim como de tantas outras Escolas e patrimônios públicos como lugares portadores de memória e resistência. Ajudando-nos como propõe SHARPE, na escrita de uma “história vista de baixo” que não apenas permite conhecer melhor o passado, mas também ajuda a percebermos “que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, [por que] ainda estão encobertos por evidências inexploradas”. (1992: 62).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS (EMBORA PROVISÓRIAS)

“Chegar e partir são dois lados da mesma viagem. O trem que chega é o mesmo trem de partida”. (Milton Nascimento).

A música de Milton Nascimento é a meu ver reveladora de parte do processo vivido nos quatro anos de formação do Curso de Pedagogia. Ou ainda, se acreditamos que estamos sempre em processo de ensino-aprendizagem ao longo da vida.

Ao pensarmos, em linhas gerais, o ser humano como inacabado tomando como exemplo a metáfora do *trem*, poderíamos dizer que, embora ao chegar ao fim de mais uma etapa de formação que esse processo não se encerra por si mesmo.

Nesse sentido, o “trem” que chega é o mesmo, mas, ao chegar pode abrir-se a novas buscas, aprendizados e possibilidades. Assim, nesse processo sigo em busca de novos “pontos de partida” rumo a novas “linhas de chegada” e nessa procura é que vou me formando professora-pesquisadora.

Devo dizer que estar na Escola Municipal Luiz Gonzaga desenvolvendo um trabalho monográfico foi motivo de muito alegria e aprendizado para mim. Tendo sido recebida por todos/as com o maior carinho e respeito contei com o apoio da comunidade escolar em vários aspectos, que foram desde empréstimos dos seus acervos pessoais, intitulados pelos mesmos como seus “tesouros”, à indicação de pessoas as quais segundo os mesmos, também seriam de suma importância estar conversando para um melhor conhecimento/ aprofundamento sobre as histórias/memórias da Escola.

É preciso também destacar o compromisso político/educacional de seus/suas professores/as e funcionários/as. Com a escola funcionando num espaço totalmente inadequado, estes profissionais, acredito que como tantos outros e outras Brasil à fora produzem a Escola/ educação driblando, “resistindo”, lutando contra as inúmeras dificuldades que lhes são colocadas cotidianamente.

A derrubada da Escola e o descaso com a mesma instalando-a num antigo posto de saúde desativado nos permitem fazer um paralelo entre o tratamento que é dado à população mais pobre e a Educação Pública no Brasil.

Em primeiro plano, ficam as "grandes políticas" e seus propósitos mais amplos. Em segundo plano, terceiro, último plano fica sempre a parcela mais desprovida de direitos da população: os mais pobres.

No caso da escola E. M. Luiz Gonzaga, a parcela mais fragilizada é constituída pelos/as alunos/as que, vivendo um processo ensino-aprendizagem marcado pela provisoriade, pelas adaptações, pelas promessas não realizadas, durante três anos longos anos, com certeza trarão as marcas dessas lacunas em seu currículo escolar.

Contudo, os sujeitos escolares não desistem de sonhar, nem de tentarem se fazer ouvir. Mariana diz:

A escola que eu desejo é grande, com salas grandes arejadas, com quadras que quando chover não alague. Com biblioteca grande com mais livros. Com laboratórios de ciências, armários para os alunos não precisarem levar peso. Banheiros limpos com segurança, sala de computação, espaço para arte.

Emerge assim, a necessidade de pensar a Escola como patrimônio, lembrando que, segundo CHAGAS (2009) o que caracteriza um patrimônio e assim o “torna” é o *sentido* a ele conferido pelo lugar ocupado na vida social e cultural de seus sujeitos.

Nesse sentido, a escola se torna *patrimônio* à medida que optamos por *ouvir* os sujeitos que a constroem cotidianamente: suas histórias, memórias, conquistas, derrotas, marcas deixadas ao longo do tempo. Ou seja, reconhecer a escola como patrimônio significa também reconhecer as pessoas que formam a escola como patrimônio.

Acreditamos que, este, pode representar um caminho para que esses sujeitos reconheçam-se como protagonistas de um contexto histórico social mais amplo.

Além de contribuir para a construção de um “outro olhar” sobre a cidade de São Gonçalo que ao reconhecê-la como “lugar de memória” quebre o estigma de “cidade dormitório”, fortalecendo os vínculos da população local com sua própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Regina. CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ABREU, Regina. “Tesouros humanos vivos” ou quando as pessoas transformam-se em patrimônio cultural – notas sobre a experiência francesa de distinção do “mestre da arte”. In: _____. CHAGAS, Mário. (orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ALVES, Nilda. Nós somos o que contamos: a narrativa de si como prática de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Orgs.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

ARAÚJO, Mairce, PEREZ, Carmen L. V. e TAVARES, Maria Tereza G. **Caderno d@ professor@ alfabetizador@: oficinas de alfabetização patrimonial e formação de professores**. Rio de Janeiro: HP comunicação Editora, 2006.

_____, Mairce. **Ambientes alfabetizadores: a luta pela qualidade de ensino nas escolas das classes populares**. Tese (Doutorado em Educação), RJ, UFRJ, 2003.

_____, Mairce e JESUS, Regina de Fátima. **Caderno de alfabetização**. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação, 2005

BRAGANÇA, Inês. Formação e profissionalização docente no Brasil: instituições, práticas educativas e história, síntese de um dos capítulos da tese: **Histórias de vida e formação de professores/as: diálogos entre Brasil e Portugal**. Universidade de Évora: Portugal. s/d.

BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Vol. 1.

CHAGAS, Mário. O pai de Macunaíma e o patrimônio espiritual. In: ABREU, Regina. _____. (orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL de 1988. Presidência da República: Casa Civil. Disponível em: <[http:// www. planalto.gov.br/civil](http://www.planalto.gov.br/civil)>. Acesso em 04/08/08.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

ESTEBAN, Teresa. ZACCUR, Edwiges. (orgs). **Professora - pesquisadora: uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Paz e Terra (8º ed.). 1987.

_____, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1989.

MEM, Fox. **Guilherme Augusto de Araújo Fernandes**. São Paulo, Editora: Brinque-Book, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/ Revista Editora dos Tribunais, 1990.

MOREIRA, Antonio Flavio, et al. (orgs) **Para quem pesquisamos, para quem escrevemos, o impasse dos intelectuais**. São Paulo: Cortez, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4º. Edição, Campinas. UNICAMP. 1996.

OLIVEN, Ruben George. Patrimônio intangível: considerações iniciais. In: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário. (orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

PANDEFF, Angeloff. GUIMARÃES, Mauricio. DONHA, Andre. SILVA, Janie. **Avaliação de impactos sócio-ambientais da indústria petroquímica: o caso do Comperj e a Apa-Guapimirim/RJ**. Disponível em: <http://www.latec.uff.br/cneg/documentos/anais_cneg4/T7_0036_0229.pdf>. Acesso em: 06/09/2009.

PARK, Margareth Brandini (org). **Memória em movimento na formação de professores: prosas e histórias**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2000.

REZNIK, Luís. **Tempo, espaço, memória e identidade nas fotografias de São Gonçalo**. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT0408.htm>>. Acesso em: 15/08/2009.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário. (orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

TAVARES, Maria Teresa Goudard. **Os pequenos e a cidade: o papel da escola na construção de uma alfabetização cidadã**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2003, Mimeo.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. RJ: Paz e Terra, 2002.

UNESCO, Material de divulgação do Sistema de tesouros humanos vivos, 142ª reunião do conselho executivo. Paris, 1993. Mimeogr. *Apud* ABREU, Regina. “tesouros humanos vivos” ou quando as pessoas transformam-se em patrimônio cultural: notas sobre a experiência francesa de distinção do “mestre da arte”. In: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário. (orgs). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

VIEIRA, Ricardo. Identidades, histórias de vida e culturas escolares: contribuições e desafios para a formação de professores. In: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário. (orgs). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

SITES VISITADOS:

<<http://falacomunidadeocomperj.blogspot.com/2007/08/o-que-o-comperj.html>>, acesso em: 05/09/2009, às 23h35min.

<<http://www.ofluminense.com.br/noticias/205858.asp?pstrlink=2,76,0,205858>>, acesso em: 07/09/09 às 11h08min.

<<http://www2.petrobras.com.br/Petrobras/portugues/comperj.asp>>, acesso em: 05/09/2009, às 23h35min.

<<http://www.saogoncalo.rj.gov.br>>, acesso em: 01/09/2009 às 17h30min.

<<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=727&sid=8>>, acesso em: 07/09/09 às 11h36min.

ANEXOS:

ANEXO A – Decreto de criação da Escola.....	56
ANEXO B - Relatório feito pelos/as professores/as após reunião ocorrida na Secretária de Educação em 04 de abril de 2007.....	60
ANEXO C - Relatório da Secretaria Municipal de Educação, justificando o atraso da obra, constando alterações no projeto inicial de construção da Escola Municipal Luiz Gonzaga.....	61
ANEXO D - Trabalhos produzidos por alunos/as durante o processo de deslocamento da Escola.....	62
ANEXO E – Comunicado oficial da Secretaria Municipal de Educação a Escola Municipal Luiz Gonzaga notificando sua transferência provisória.....	68
ANEXO F – Algumas ações da comunidade escolar em prol da construção da nova sede.....	69
ANEXO G - Depoimentos de professoras (oficina da memória) e entrevistas a coordenadora Rosa e a merendeira Lúcia.....	79
ANEXO H – Anotações realizadas pelas professoras durante a realização de oficina proposta na Escola.....	90

ANEXO A

Gabinete do prefeito – Decreto nº 054/89

O Prefeito Municipal de São Gonçalo, no uso de suas atribuições.

Considerando que no Bairro Estrela do Norte 1º Distrito deste Município, a prefeitura construiu uma escola de 1088 m2 com 11 salas de aulas e dependência completas com capacidade para 900 alunos;

Considerando que cumpre ao poder publico ressaltar a atuação daqueles que de alguma forma contribuíram para o agradecimento da cultura de nossa Terra;

Considerando que a brasilidade de Luiz Gonzaga é legitimada por todos os segmentos da nossa sociedade e representativa da luta do homem para a conquista de um espaço cultural idealizado;

Considerando finalmente, ser uma justa e grata homenagem a um dos mais importantes talentos do Cancioneiro Popular Brasileiro, que através de sua voz, sua música e sua personalidade, teve relevante papel na divulgação dos valores culturais do Nordeste, tornando-se um verdadeiro fator vivo de integração nacional, e que Luiz Gonzaga na verdade, ultrapassou até os limites nacionais projetando-se, e conseqüentemente o nosso Brasil no âmbito internacional.

Decreto

Art. 1º. – Fica Criada, no Bairro estrela do Norte – 1º distrito deste Município uma Escola Municipal com ensino de alfabetização e 1º. Grau – 1º à 8º série.

Gabinete do Prefeito

Art. 2º - Fica denominado Escola Municipal Luiz Gonzaga, a unidade de ensino criada por este Decreto.

Art. 3º - Este Decreto contra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de São Gonçalo em 1º de setembro de 1989.

Edson Ezequiel de Matos – Prefeito

Inauguração

Ao entregar a nova escola, o Prefeito Edson Ezequiel lembrou a máxima do ex-Governador Leonel Brizola: “povo sem educação é povo sem liberdade”, acrescentando que “a Educação é o sustentáculo definitivo da democracia”. Na manhã de segunda-feira, o Chefe do Executivo entregou o refeitório e mais uma sala de aula na Escola Municipal Manna Júnior.

- Estamos transformando esta cidade num grande canteiro de obras, com destaque especial para a Educação. O carinho e fraternidade da crianças foi fator decisivo para nossa vitórias nas eleições. Neste grande esforço, estamos contando com a colaboração dos professores e pessoal de apoio da rede municipal de ensino. Conscientes do esforço da administração municipal para melhorar a qualidade da Educação em São Gonçalo, eles estão mantendo diálogo franco e honesto conosco. Costumo sempre lembrar que fomos eleitos para governar quatro anos e as realizações nestes primeiros dez meses de governo são apenas o início do grande desafio para melhoramentos a qualidade de vida do povo gonçalense – disse o prefeito.

Além de Ezequiel, estavam presentes o secretário Municipal de Educação, Wagner Larangeiras, o Secretário de Obras, José Romulo de Melo, o Chefe de Gabinete João Bravo e outros auxiliares do Prefeito, além do Ex-Deputado José Alves Torres, da Ex-Secretaria Estadual de Educação. Maira Ieda Linhares, vereadores e autoridades municipais e estaduais, incluindo-se representantes da Associação Comercial e clube de Diretores Lojistas. Também participaram da solenidade a Banda do Colégio Castelo Branco e centenas de estudantes para a Inauguração da Escola Municipal Luiz Gonzaga.

ANEXO B

A (re)construção do Luiz Gonzaga

Reunião referente à construção da Escola Municipal Luiz Gonzaga ocorrida na Secretária de Educação, sala de reuniões, no dia 04 de abril de 2007.

Estiverem presentes responsáveis, alunos, funcionários, professores, inclusive as novas diretoras Euzinete Nogueira Pereira e Deise Luci de Brito Ferreira, e os representantes da Secretária Municipal de Educação de São Gonçalo.

A professora Alba Rodrigues da Cruz, Subsecretária de Educação, a Subsecretária de Orçamento sr^a Tereza e o engenheiro sr. Décio nos apresentaram as seguintes informações:

- o novo prédio da Escola Municipal Luiz Gonzaga só será utilizado no ano de 2008, no entanto, o início do estudo do solo do terreno e da construção ocorrerá no final de abril do corrente ano;
- existe orçamento para a execução da obra;
- a licitação ainda não foi feita;
- a construção será baseada em um projeto do prof. da UFRJ sr. Carvona. Projeto “tijolo ecológico” que utilizará pouco cimento, no entanto, será garantida sua durabilidade.
- o prédio constará dos seguintes andares: - térreo, primeiro e segundo pavimentos;
- no andar térreo está previsto a construção de: - refeitório, banheiros, cozinha, dispensa, sala dos professores, diretoria, SOE, secretária, biblioteca, vestiários masculino e feminino, banheiro para portadores de necessidades especiais, cadeirantes, quadra poliesportiva coberta que poderá ser utilizada como palco e arquibancadas e uma sala de aula. Haverá uma guarita para o inspetor ter uma visão abrangente e poder observar a disciplina;
- primeiro pavimento com banheiros, auditório, sala de informática e salas de aula;
- segundo pavimento com salas de aulas, laboratório de Ciências e Grêmio;
- todas as salas terão televisões e vídeos (salas multimídias);
- o acesso aos pavimentos será através de rampas;
- enquanto a obra não estiver pronta melhorias serão feitas no prédio onde funciona, provisoriamente, a citada escola;
- o total será de 12 salas que comportarão 40 alunos;
- será a primeira escola pública em São Gonçalo que terá escaninhos para os alunos poderem guardar seus materiais escolares;
- a obra poderá ter a duração de seis (6) meses, o prazo não está fechado;
- haverá, inicialmente, o estudo do solo para a construção; e
- o autor do projeto “tijolo ecológico” terá que vir até o local para orientar sobre a construção do prédio da Escola Municipal Luiz Gonzaga;
- uma comissão de pais, funcionários e professores estarão acompanhando o desenrolar do projeto e sua execução; e
- foi solicitado que as sugestões, como, por exemplo, telefones públicos e locais para estacionarem as bicicletas, sejam apresentadas as autoridades.

Os nomes dos pais, alunos, funcionários e professores presentes são os seguintes: - Sandra Mara dos Santos, Vera Lucia Viegas, Adriana dos Santos, Rita de Cássia Batista da S. Nascimento, Rita Alves da Silva Motta, Mariuza Rocha Rodrigues, Simone da Silveira Rodrigues, Neila Monteiro Neves, Maria Francisca Tavares, Andréa da Silva Ferreira, Fabiany Rodrigues Lima, Jhonatham Jeferson C. Moreno, Thiago Rapparini Pinto, Rosa Maria Luiz de Melo, Rosália do N. Campos, Marina Fernandes de Souza Sales e Ludmila Tostes Barroso.

Consideramos esse momento como uma importante conquista histórica para a Escola Municipal Luiz Gonzaga.

São Gonçalo, 04 de abril de 2007.

ANEXO C



ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

RELATÓRIO

São Gonçalo, 21 de junho de 2007

Para: Comissão de Pais e Professores da E. M. Luiz Gonzaga

Assunto: Construção das novas instalações da E. M. Luiz Gonzaga

Senhores (as) Pais e Professores (as):

Em cumprimento ao acordo firmado por esta Secretaria com a Comissão de Pais e Professores da Escola Municipal Luiz Gonzaga comunicamos que, em reunião no dia 31/05/2007 com a equipe da Secretaria de Educação, as novas instalações da Escola estão ~~previstas para serem entregues a comunidade~~ até dezembro de 2007.

Nessa ocasião, foi apresentado novo projeto do prédio que, inicialmente seria com 3 (três) pavimentos, porém devido ao estudo do solo feito em abril do mesmo ano, pelo engenheiro encarregado da obra, constatou-se que para melhor aproveitamento do espaço e pelo solo do terreno, a Escola contará com 3 (três) prédios de 2 (dois) pavimentos cada e 1 (um) prédio de 1 (um) pavimento, este último será utilizado pela administração.

Todos os prédios serão interligados por passarelas.

O novo projeto possibilitou o aumento do número de salas de aula de 12 (doze) para 16 (dezesseis), ou seja, um ganho de mais 4 (quatro) salas, e para o início da obra estamos aguardando o término da fabricação dos 80 (oitenta) mil tijolos ecológicos que serão utilizados na construção e o levantamento da rede hidráulica e elétrica. Sem mais.

Atenciosamente,

Josane Shunkler
102.869

Márcia B. B. B. B.
mar. 12.997

ANEXO D

A escola que desejo

A escola que eu desejo é
grande, com salas arejadas; com quadras
que quando chover não alaguem.

Com biblioteca grande com mais
livros. Com laboratório de ciências, armários
para os alunos não precisarem levar peso.

Banheiros limpos com segurança, sala
de computação. Espaço para arte.

Obrigada, aluna Mariana Meira Rabella
sala 6 Turma 502 Escola Municipal Luiz Gonzaga.

Para terça-feira



Rússia
501, 3º ~~turno~~ turno

A escola que queremos.

Que tenha piscina, uma quadra grande, ~~a~~
que tenha informática, um laboratório com micro-
scópio, curso de espanhol, ar condicionado e
2 ventilações em cada sala. armário com chave
para cada aluno, e para guardar o material



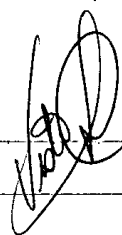
... Aluna... Andressa nº 36... História

Eu queria que tivesse B 69/2006 ^{Sede} **COLOR**
na escola que eu estudo!!

Eu queria que na escola que eu estudo tivesse uma sala grande com ar condicionado, e que tivesse também um banheiro bem grande com um espelho do chão a metade da parede e largo com vasos novos e uma chuveiro para nós podermos tomar banho e poder trocar de roupa na sala de Ed física e um armário para duas ou três alunas guardarem os materiais da escola.

Cortaria novas e limpas um quadra branca para as professoras na parte de trás, quadra com arquibancadas e redes para a bola não cair do outro lado da quadra... e materiais novos para nós podermos estudar melhor... e muitas coisas tam

Como eu gostaria que seria
a minha escola...



...Gostaria que fosse uma escola de 3 andares, com quadras poli esportivas, com espelho no banheiro, como nos lebedouros, com o refeitório maior, com quatro ventiladores, queria que tivesse 40 salas de aulas novas, com 5 ar-condicionados cada.

Que estivesse o depósito de arquivamento na quadra, que a escola tivesse um campo de futebol, que estivesse cantina, cadeiras novas nos salas, sala de professores, um armário para cada aluno.

Outro armário para os professores, e um para guardar o material de limpeza. Uma biblioteca de milhares livros de todos os tipos, e dois ventiladores na biblioteca.

Dois piscinas uma grande e outra pequena para fazer natação. Quatro aulas de música, de balé, de espanhol e na área da piscina que tinha vários docas, mescuro, trampolins, sala de computação, laboratório de ciências, sala de vídeo, um auditório, queria que a escola fosse de concreto e ali o ensino médio, um pátio grande com lugar de botar bicicletas, queria que secretaria tivesse uma máquina de xerox e que todos os alunos poderiam usar.

A escola que eu queria

- sala refrigerada
- salas com vídeo logótipos
- refeitório como se fosse um self-service para cada um pegar o que quer
- biblioteca com computadores, livros novos, etc...
- dois telefones dentro da escola para que se alguém em precisar ligar para a mãe ou pai ou outro familiar ou esquecer trabalho ou livro ligar
- sala de vídeo
- uma sala com um palco para alguma apresentação
- um salão de jogos para que se tivesse chovendo gente poder fazer Educação Física
- uma quadra fechada para não molhar água
- a quadra com uma reguladora
- uma sala para Educação Artística para gente trabalhar melhor

História

Eu tenho várias idéias para uma escola melhor.

Eu não queria uma escola com banheiros limpos, com mais salas maiores com mais condições e melhores, com mobílias novas e limpas. Quadras com colchonetes para quando chegar agente poder fazer atividades. Cantinas maiores para não enfrentar fila na hora de comprar lanche. Com bibliotecas maiores com mais livros, com aulas de Informática.

Nome: José Gonçalves

ANEXO E



**ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

Ofício nº 1064/GAB/ 2006

São Gonçalo, 28 de agosto de 2006.

DA: Gabinete do Secretário Municipal de Educação
PARA: Direção da Escola Municipal Luiz Gonzaga

Ementa: Mudança de endereço

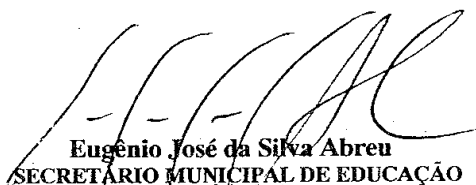
Ilustríssimo Senhor Diretor:

Atendendo a inúmeras solicitações dos professores, alunos e comunidade, vimos comunicar que a partir da primeira quinzena de setembro do corrente ano todas as atividades docentes referentes a esta Unidade Escolar serão desenvolvidas na Rua Nilo Peçanha, 494 – Estrela do Norte – São Gonçalo, em instalações significativamente superiores às atuais, oferecendo maior conforto e segurança aos alunos e funcionários.

Cabe ainda destacar que as obras de construção da sede oficial desta Unidade Escolar, na Rua Toledo Pizza, s/nº - Estrela do Norte, serão concluídas ainda no primeiro trimestre letivo do próximo ano (2007).

Sem mais para o momento e contando com sua costumeira colaboração.

Respeitosamente,


Eugênio José da Silva Abreu
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Eugênio José da Silva Abreu
Secretário Municipal de
Educação, Esporte e Lazer
Matrícula 3784

MANIFESTO EM PROL DA ESCOLA MUNICIPAL LUIZ GONZAGA E DE SUA HISTÓRIA NO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO, NO RIO DE JANEIRO.

No dia 13 de novembro de 1989, era inaugurada a Escola Municipal Luiz Gonzaga, no bairro Estrela do Norte, Av Presidente Kennedy s/nº, no município de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro.

Dezesseis anos depois, a escola se encontrava em estado lastimável e sem condições de abrigar decentemente alunos, professores e funcionários para suas atividades. Eram goteiras em todas as salas de aula, falhas na estrutura, falta de local para as crianças lavarem as mãos antes da merenda, sem falar nas condições dos banheiros, dentre outras coisas.

Nós, professores, funcionários, alunos e responsáveis da Escola Municipal Luiz Gonzaga fomos comunicados pelo Secretário de Educação do município de São Gonçalo em reunião, no dia 23 de agosto do corrente ano, que a nossa unidade escolar estaria sendo transferida para um local provisório: Rua Nilo Peçanha 494, (antigo SAMDU – Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência), em um curto espaço de tempo. Na mesma ocasião tivemos a informação de que a PETROBRAS construirá um novo prédio para uso próprio no local. Diante do nosso estarecimento, por ser o **Luiz Gonzaga a única escola pública do bairro citado**, o Secretário de Educação esclareceu que a PETROBRAS, em parceria com a Prefeitura de São Gonçalo, responsabilizar-se-á pela construção de uma nova unidade escolar num terreno situado na Rua Toledo Pizza, s/nº, Estrela do Norte, a ser entregue até o primeiro trimestre letivo de 2007.

Gostaríamos de solicitar que o compromisso assumido pelo Poder Público Municipal e pela PETROBRAS, conforme fomos informados, realmente seja cumprido dentro do prazo prometido. Pois toda uma comunidade escolar aguarda ansiosa a realização de tal responsabilidade. Já que hoje nos encontramos alojados num imóvel onde, outrora, serviu como instalação de atendimento às necessidades de profissionais da saúde e de sua clientela, não se constituindo, portanto, numa unidade escolar propriamente dita. São acomodações impróprias ao abrigo de alunos, professores e funcionários da educação, posto que suas salas de aula improvisadas deixam a desejar quanto à acústica, ao espaço físico inadequado e à boa ventilação. Nem mesmo contando com uma quadra poliesportiva.

Nossa escola sempre foi referência enquanto formadora de cidadãos críticos e conscientes, sendo, portanto, um exemplo positivo diante do contexto atual da educação pública de nosso país. Não podemos deixar que a Escola Municipal Luiz Gonzaga seja somente um projeto futuro, mas uma realidade concreta sempre presente na educação do Brasil.

Lembramos que a Escola Municipal Luiz Gonzaga tem sua história escrita na Av. Presidente Kennedy, bairro Estrela do Norte, em São Gonçalo. Em momento algum, as autoridades

gonçalenses perguntaram aos professores, funcionários, alunos, pais e responsáveis se a mudança de endereço iria atender aos seus anseios e de suas adjacências. A verdadeira democracia se faz através do diálogo com a comunidade. Esperamos sensibilizar as autoridades e a PETROBRAS no sentido de:

1 – Promover um encontro entre os responsáveis da PETROBRAS pelo projeto e a comunidade escolar da EMLG para que possamos ouvir, ser ouvidos (professores, funcionários, alunos e pais) e apresentar nossas propostas e preocupações.

2 – Valorizar a história da E. M. Luiz Gonzaga. Alunos, ex-alunos, professores e ex-professores têm uma parte de suas vidas escritas neste espaço educacional. A qualidade do ensino, que sempre foi uma característica e um comprometimento desta escola, será melhor, na medida em que somarmos nossos conhecimentos pedagógicos com a tecnologia de ponta e com recursos da PETROBRAS.

3 – Refletir sobre a necessidade de um documento que consolide a discussão e garanta os direitos dos alunos, pais, funcionários e professores. Posto que muitos pais pensam em transferir seus filhos ou, simplesmente, tirá-los da escola por temerem que a construção não se realize e que seus filhos fiquem sem local digno para estudar dentro da sua comunidade.

A Educação Pública tem que ser prioridade para todos, só assim poderemos investir no ser humano, diminuindo gastos com a violência, com as doenças, com as injustiças e com as desigualdades. Seres humanos livres, justos, solidários e conscientes são fundamentais para o bom funcionamento de uma sociedade evoluída e digna. O direito à Educação de qualidade é garantido pela Constituição Brasileira, temos que viabilizá-lo. Para praticá-lo, precisamos exercitá-lo junto às nossas crianças e jovens colocando-o no coração de cada brasileiro. É um trabalho intenso, contínuo e constante, mas que acreditamos ser fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. **Acreditamos que se a educação não é o único é, com certeza, o melhor caminho para isto.**

O diálogo entre a PETROBRAS, o Poder Público Municipal e a comunidade escolar torna-se fundamental para que não haja ações de desrespeito à educação pública e à democracia deste país. A participação efetiva de todas as partes envolvidas nesta questão trará como resultado o respeito à história da Escola Municipal Luiz Gonzaga que tanto fez, faz e fará diferença nesta comunidade tão necessitada de maior atenção e comprometimento político para sua melhoria.

Certos da seriedade e responsabilidade desta empresa com o entorno social em que ela se aloca, aguardamos, brevemente, uma resposta.

Assinam este manifesto:

MAURO RICARDO HENRIQUES DA SILVA
ROSÁLIA DO NASCIMENTO CAMPOS

RG: 05798175-5 IFP
RG: 07335183-5 DETRAN

MARINA FERNANDES DE SOUZA SALES	RG: 04843915-2 IFP
ROSA MARIA BELO MOURA	RG: 80872740-8 IFP
LUDMILA TOSTES BARROSO	RG: 06055468-0 IFP
MARIA CRISTINA PIRES PÊGO	RG: 04382735-1 IFP
SUELI SIQUEIRA SANTOS	RG: 05892870-6 IFP
DEISE LUCI DE BRITO FERREIRA	RG: 83011766-9 IFP
DÉBORA ALVES MARTINS	RG: 07382539-0 IFP
SÔNIA REGINA OLIVEIRA DA COSTA SOUZA	RG: 50263315 DETRAN
YARA DE SOUZA FERREIRA	RG: 08391051-3 IFP
EUZINETE NOGUEIRA PEREIRA	RG: 81315766-6 IFP
REGIANE MADALENA COUTINHO CRESCÊNCIO	RG: 07663378-3 IFP
MARTHA PEÇANHA VASCONCELOS	RG: 07984662-2 DETRAN
ANGELA DOS SANTOS SANTANA BUENO	RG: 06282700-1 IFP
JANETE DE OLIVEIRA NASCIMENTO	RG: 06563508-8 IFP
ROSÂNGELA LOPES DE MENDONÇA	RG: 07719028-8 IFP
FÁBIO SANTANA PESSANHA	RG: 12813300-6 DETRAN

Atenciosamente,

São Gonçalo, 15 de outubro 2006.

09/07/07

Reunião em prol de Luiz Gonzaga, sua
construção

Lista de Presença

01. Rosália de N. Campos
02. Yajira T. de Figue Salb.
03. Jôana Cristina de Castro
04. Tereza Leucina B. Barbosa
05. Dirci Bello Fabiano Moura
06. Valerice Afs da Silva
07. Jania Marina Vieira de Menezes
08. Mariza Rosa Azeredo
09. Daiana Cristine do M. Araújo
10. Sandra Mara dos Santos
11. Almi Divina da Silva
12. Jonathan Figueira
13. Mayane Albreu
14. Thiago R. Pinto
15. Lohann M. de Albreu
16. Natasha Romanielly Felipe Besserra
17. Vera Siqueira Figueira
18. Nelita Couto de Freitas Brito
19. Vanda Brunes Louredo
20. Patrícia Brunes Louredo
21. Bohana Massena de Albreu
22. Mayane Leocayne Albreu
23. Daniel Souza de Lima
24. Janetiqueiriche da Costa Chana
25. Julciene Maria dos Santos
26. Cyllene e Esthênia Souza de Montez
27. Beatriz Inês de Albreu

alibra

09/07/2007

- Reunião em prol da construção do
E.M. Luiz Gonzaga - Outr. Prof^o Hércio e
Prestado do solo feito - 21/06/07 - Yosiara
- Onda gem sendo feita - construção alínea
- Licitação (?) - medição do terreno - área
- Data e local da pedra fundamental (?)
- Equipe da engenharia
- 2 Material - Fundação São Gabriel
- 4 Arquiteto - escola "Isabel"

Rozane A. da S. Lima (Mãe de aluno)
Roldina Luiz dos Santos. Aluna 703
Suelen Angélica da S. Lima (Aluna da 703)

Nós, comunidade da Escola Municipal Luiz Gonzaga, pais e/ou responsáveis, alunos, funcionários e professores abaixo-assinados diante da publicação em Diário Oficial – Jornal O São Gonçalo, quinta – feira 12 de junho de 2008, do Termo de Contrato 025/2008 da construção da referida escola – solicitamos a Prefeita do município de São Gonçalo, Aparecida Panisset, a divulgação oficial das datas do início do término da referida obra.

Esclarecemos que a nossa preocupação e urgência em tornar público e oficial as citadas datas são resultantes de vários aspectos:

- as condições impróprias para o processo educativo nas antigas instalações do SAMDU, em imóvel alugado com vigência de 29-02-08 a 28-08-08, conforme divulgado no diário oficial do dia 06-06-2008. Embora reformas tenham sido realizadas, o espaço não foi idealizado para o funcionamento de um estabelecimento de ensino;

- a aquisição de diversos materiais de construção para o atendimento da obra, conforme publicado em diário oficial em 09 de janeiro de 2008 pela SEMED;

- várias promessas dos representantes oficiais da Prefeitura de São Gonçalo através da Secretaria de Educação, fartamente documentadas por nós e amplamente divulgadas nos meios de comunicação, de que a referida escola seria construída respectivamente nos anos de 2006, 2007 e, até o momento, 2008;

- o compromisso em construir a Escola Municipal Luiz Gonzaga na gestão do atual governo precisa ser concretizado para que realmente a função da política pública seja plena e íntegra com a comunidade a qual pertencemos, como também, com a sociedade gonçalense. A garantia das condições necessárias para o desenvolvimento da educação pública deve ¹²²¹ser priorizada pelo poder público.

São Gonçalo, 24 de junho de 2008.

NOME	ASSINATURA	IDENTIDADE
MARINA F. DE SOUZA SALES	<i>Marina F. de Souza Sales</i>	IFP 04843915-2
Fernanda de Castro Arruda Rodrigues	<i>Fernanda de Castro Arruda Rodrigues</i>	21636630-2
Géssica Telles Alves	<i>Géssica Telles Alves</i>	230964280
Angela dos S. S. Bueno	<i>Angela dos S. S. Bueno</i>	I. 06282700-1
Arnaldo Fernandes São Thiago	<i>Arnaldo Fernandes São Thiago</i>	IFP 06096134-9

NOME

ASSINATURA

IDENTIDADE

1. *Adriano V. F. Soares* 11464
2. Juliana Maria de Oliveira CPF 121718207-13
3. *Steliana da Cruz S. Pinto* IFP 10.400819-6
4. *João Gonçalves Reis* 15.483.359 (MG)
5. *Isabel Cristina Marques da Cruz* 073243727-08
6. *Joângela L. Leonardo*
7. *Mariana Cristina Gomes* CPF 058-462447-70
8. *Alina Fonseca Martins*
9. *Sociedade Beneficente do Espírito Santo* IFP 12254270
10. *Carlos Alberto A. da Silveira*
11. *OSVALDO MOPRINHO* 06309318-1
12. *Lina Maria Mateus de Silva*
13. *Dimane Ferreira Bezerra das Lentes* (EBMERF) 20.527
14. *Rita Alves da Silva Malta*
15. *Mariene Rezende Presidone* (CPF) 010.321.804-65
16. *Carla Cristina* CPF 000021727/66
17. *Gabriel P. Pereira* 11672318-0
18. *Patrícia Lúcia Gomes da Silva* 06956692-5 IFP
19. *Luciana Rosa Guimarães*
20. *Alina Melina Vaz* CPF 123.895.633-2
21. *Dirce Bello Galvão Moura* 650985-1 (MB)
22. *Roxália do Nascimento Campos* (Dilhon - 07.335.183-5)
23. *Alaim, Café de Salzig* 00855187708
24. *Christina Ribeiro* 08156093-0 IFP
25. *Retaballo - Rita de Cássia Lima M. Valle*
26. *EVALDO SCARPINI* 2689038
27. *Madalena* 07984662-2
28. *Maria dos Anjos Lima*

NOME

ASSINATURA

IDENTIDADE

Solange P. Ribeiro Vasconcelos		
Leidia Lampaio e Silva		11-623.181-2
Antonia Lucia Duque da Costa		04050428-4
Wagner Candido Vieira		5.124.503
Lucia Helena de Souza Goulart		04134960-6
Guilherme de O. Duarte		05572098-1
Scott Octávio Silva		06647984-1
Alcides D. Rangel (9232)		
Ana Cláudia Peres e Jesus (18097)		
Macismara de Oliveira Santos Coelho		08180106-4
Joqueline Martins dos Santos		07763406-1
Odinei Nazareth da Silva Costa		65346272
Vigilante L. F. de Oliveira Ribeiro		09985381-4
Luiz Carlos de Faria		08909565-4
José Fernando de Moraes 19774		
Deisy Maria D. J. Moraes - MAT: 12061 -		R.301.8008-9
Simone Maria de Oliveira mat 9410		
Gláucia Ribeiro Rodrigues Santos		10734291-7
Lucinete Mendes da Conceição		
Apresentada da Silva Costa		12115901-6
MARIA CRISTINA PIRES REGO - Maria Cristina Pires Rego -		
CHRISTIANNE RODRIGUES DOS SANTOS - Christianne Rodrigues dos Santos	CPF	023.346.604-01
MARIA EZILMA DE OLIVEIRA - Maria Ezilma de Oliveira	CPF	026.622.087-83
MARTA LEONCIO - Marta Leoncio	IFP	08854836-7
MARIA DAS DORES DO NASCIMENTO - Maria d. Nascimento	DETRAN	40.527.370-0
Elton Costa da Silva	CPF	079033289-60
Joanna D'Arc de Oliveira Santos		
Roberto de Alencar Costa	IFP	05706546-1
Felipe Passeri - FELIPE PASSERI -	DETRAN	25760.767-1



COPIA

Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro
NÚCLEO MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO
Rua José Alves de Azevedo, 215 – Zé Garoto – S.G. – CEP 24440-170
Tel. 2604-2429 / 3713-1055 – E-mail: sepesq@uol.com.br

Ofício n.º 011/2009

Em 05 de Fevereiro de 2009

Ref: PA Nº 082/1º PJIJ/06 (E.M. LUIZ GONZAGA)

De: Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação – SEPE/SG

Assunto: Denúncia

Ilma. Promotora de Justiça

O Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação vem, através deste, denunciar que, em mais um período letivo, este que se inicia em 2009, os alunos da E.M. Luiz Gonzaga continuam estudando no mesmo espaço improvisado, inadequado ao pleno desenvolvimento das atividades educacionais.

Cabe lembrar que conforme o ofício Nº. 1064, de 28/08/2006 (anexo), do então Secretário Municipal de Educação Sr. Eugênio José da Silva Abreu, as obras de construção da sede oficial da referida Unidade Escolar estariam concluídas no 1º trimestre de 2007.

Cabe lembrar também que em ofício Nº. 1488/PJIJ/2006, de 14/12/2006 (anexo), esta Promotoria nos confirma o caráter provisório das instalações da E.M. Luiz Gonzaga no antigo SAMDU e nos informa sobre a solicitação do cronograma da obra para efetivo acompanhamento.

O decurso de dois anos entre o prometido e o real nos leva a temer que o provisório se torne definitivo, e como é nosso dever cobrar qualidade em todos os aspectos do processo educacional, continuamos contando com o interesse e a competência desta Promotoria para garantir que a comunidade escolar não continue à mercê do desmazelo da Administração Pública.

Certos do pronto atendimento, dada a importância do assunto,

Cordialmente,
Mário Baptista Lopes
Direção Colegiada

A Promotoria da Infância e Juventude.

1º / 2º P. J. Inf. e Juventude – St
Recebi em 09 / 02 / 09



1ª / 2ª PROMOTORIA DE JUSTIÇA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE
Rua Coronel Serrado, nº 1000, 7º andar - salas 702 / 703,
Zé Garoto - São Gonçalo - Cep.: 24.440-020
tel: (21) 3707.3638 / 3547 (fax)

Ofício nº 0479 /PJIJ /2009

São Gonçalo, 10 de março de 2009.

Assunto: Informação (**S O L I C I T A**)

Ref.: I.C.P. nº 012/1ªPJIJ/08 (**E.M.SÃO LUIZ GONZAGA**);

Ilustríssima Diretoria,

Através do presente, acusamos recebimento do ofício nº 011/2009, de 05/02/2009, desse Órgão Colegiado, bem como esclarecemos que o contrato celebrado entre o Município de São Gonçalo e a POLIJOB ENGENHARIA LTDA para construção da **E.M.SÃO LUIZ GONZAGA** tem previsão de término da obra, após prorrogação, para o mês de março de 2009.

Outrossim, comunicamos que esta Promotoria de Justiça solicitou ao GATE-GRUPO DE APOIO TÉCNICO ESPECIALIZADO do Ministério Público, a indicação de Perito para melhor realizar a fiscalização.

Atenciosamente,

*Recebido
13/03/09
Promotoria*

Fernanda Louise da Silva
FERNANDA LOUISE DA SILVA
Promotora de Justiça Titular da 1ªPJIJ

À Direção Colegiada,

SEDE/SG

**SINDICATO ESTADUAL DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO,
NÚCLEO MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO**

Rua José Alves de Azevedo, nº 215, Zé Garoto / São Gonçalo
Tel.: 2712.7979/2604.2429 - CEP.: 24.440-170

A.R.()Sim ()Não

ANEXO G

TRANSCRIÇÃO DE OFICINA REALIZADA COM AS PROFESSORAS (Débora, Marina, Sueli, Vânia)

Professora Débora - O que me marcou foi aquela greve que fizemos, pois muitos dos nossos direitos foram alcançados com ela e, ainda, que eu sinto o Luiz Gonzaga como minha outra família, são 15 anos aqui.

Se eu pudesse resumir a escola em três palavras seriam amor, luta e resistência, isso tem muito haver com o que atualmente estamos vivendo, se estamos lutando e resistindo é por conta do amor que sentimos por essa escola e pelos amigos que fizemos durante esses anos.

Se nós estivéssemos num lugar que não sentíssemos prazer, a luta seria desnecessária, não teria acontecido. Só lutamos por aquilo que acreditamos e amamos, aquilo que desprezamos ou somos indiferentes, queremos que termine logo...

Se essa escola ainda está em pé, deve-se a essas pessoas que acreditam nela e no seu trabalho. Acredito que um dia vai chegar alguém competente lá em cima e vai perceber isso. É isso, eu também acredito nesse país. Um dia iremos eleger pessoas competentes e que vão enxergar isso de uma maneira melhor.

Professora Marina – Achei lindo o que você colocou! Que o Luiz Gonzaga é sua segunda família.

Professora Débora - Claro! Eu considero o Luiz Gonzaga minha segunda família... Eu nem coloquei segunda, eu coloquei outra. Se você coloca “segunda”, meio que, hierarquiza. Coloca em segundo lugar, já não é a mesma coisa. Eu coloquei “outra família”, pois eu acho que a gente tem que somar e não hierarquizar.

Professora Sueli – O que me marcou foi a minha chegada ao Luiz Gonzaga no ano de 1993, eu cheguei e não encontrei a diretora da escola, então, fui até a diretora adjunta e me apresentei, sou a professora Sueli e ela: - Tudo bem, só que no momento estamos num período de greve. Então passou a professora de Arte e ela me apresentou: - Olha essa é a professora Sueli. A professora Ana Maria – Ah, é! Vamos! Então, eu conheci as demais colegas sentadas na escadaria da prefeitura, dividindo biscoitinho, outras ao microfone.

Conheci quase todas. E sem saber quais as consequências eu fui, sabe. Fui e conheci o grupo ali. Foi assim, uma mostra do que era a escola. Foi muito legal.

A minha convivência também. Essa foi à escola que eu sempre gostei de trabalhar, confesso que, agora eu venho para a escola muito triste é muito complicado vir para escola.

Professora Débora – Principalmente ela que não tem quadra para trabalhar, ela é professora de educação física, é mais complicado.

Professora Sueli – Olha, eu estou aqui fazendo carteirinha para meus alunos da escola pública. Amanhã [sábado] eu vou sair com meus alunos da escola particular, eu faço muito isso, e não é porque é escola particular não. Se a escola pública tivesse jogo amanhã...

Eu já levei alunos em pleno sábado para participar de campeonatos de futsal e handebol pelo SESC. Ficava sábado de manhã e sábado à tarde. Muitas vezes, o Futsal era de manhã e o handebol à tarde, eu passava o sábado inteiro com os alunos no SESC, os alunos que iriam jogar e a torcida. E às vezes a torcida era um pouco agitada e eu tinha que ficar ali controlando. Mais isso tudo eu fazia com muito prazer, isso aqui para mim agora é muito doloroso. [...].

É muito desagradável, é muito chato ficar numa sala de 6ª série, horrorosa, cheia de umidade, aqui é horrível. E aí, reclamam da turma. Gente, coloca quinze alunos. Ah, quinze alunos é pouquinho, mas tem sala que é do tamanho dessa... [referindo-se ao pequeno espaço reservado a sala dos professores].

Nós entramos, saímos, vamos para outra escola. Eu por exemplo trabalho na Tia Ciata, uma escola padrão, uma “beleza” de escola. Nós temos a COMLURB trabalhando lá dentro. São seis pessoas trabalhando na limpeza, entendeu? É maravilhosa? Tem outros problemas? Tem. Mas eu saio daqui e vou para outra escola, lá eu vejo outro ambiente. É uma luminosidade. É claro, lá eu tenho uma quadra ótima e material até dizer chega. Entendeu? Mas eles ficam. Eles vão passar o ano todo olhando aquela umidade ao lado do quadro, aquele quadro horroroso...

Gente, nossos alunos são maravilhosos, tivemos reclamações de algumas turmas, gente, eles são ótimos. Conviver num espaço desses, durante três anos, e você não ter crianças..., principalmente no turno da manhã, que é um turno tranquilo, não tem. Eu digo coisas normais que em qualquer escola tem. Às vezes conviver numa escola particular é pior e num espaço onde eles têm tudo. Nossos alunos são ótimos. Qualquer problema que você cite aí, dentro desse espaço, eu não encontro...

Professora Débora – E o engraçado que essa escola é perpassada por gerações. A gente já deu aula para o irmão, primo e até filhos. Aqui você entra no conselho de classe e você sabe o nome dos alunos, a história dos alunos, é quase um acompanhamento individual. É coisa rara, pelo fato do Luiz Gonzaga ter poucos alunos. A gente sempre... Aliás, nem quando o Luiz Gonzaga tinha bastante alunos. [agitação das professoras concordando]. A gente sempre teve essa [interrupção].

Professora Marina – E o carinho dos alunos que saem e depois voltam?

Várias falas – Voltam, procuram...

Alguns alunos trazem álbum de casamento para a gente ver.

Professora Débora – Eles têm esse amor pela escola, ainda...

Professora Sueli – Eu encontrei com um aluno, logo que, derrubaram a escola, e ele falou: “professora eu chorei quando eu vi aquilo...” Um aluno, um menino, já tinha saído da escola há um ano...

Professora Débora – É uma parte da vida deles também.

Professora Marina – Eu encontrei um aluno no Carrefour: “professora, como eu vou dizer a meus filhos, onde eu estudei?”. Quando ele falou aquilo, eu fiquei... “Eu vou dizer a meus filhos, o quê?” A gente passa pelos lugares e eu estudei aqui, estudei ali...

Professora Vânia - Mesmo quando eu não era professora da escola eu tinha um contato com a escola. Eu lembro daqueles cursos de início de período letivo, eu cheguei a fazer cursos, no antigo Luiz Gonzaga.

Eu acompanhei também toda essa luta de vocês na transferência e reconstrução da escola com as greves que nós fazíamos.

Professora Marina – É, o Luiz Gonzaga sempre foi um ponto de referência.

Professora Vânia - Então nós lutávamos também pela reconstrução da escola. No passado eu lembro que vocês fizeram uma passeata, eu não fui porque eu estava trabalhando, [...] ela veio nos contou como foi...

E depois, quando acabou meu turno na Escola Lêda Vargas, antes mesmo de começar a escolha da escola, eu vim aqui e perguntei a Deise se tinha vaga. Ela me disse: “depende da quantidade de turmas e alunos”.

Eu já conhecia a escola, mesmo não sendo daqui, eu tinha uma história com escola. Eu conhecia a Escola das greves, dos movimentos, eu já participava. Fazia as greves também, as paralisações... Então, quando eu vi no quadro o nome do Luiz Gonzaga... A outra professora também, de matemática, que escolheu para noite, nós escolhemos no mesmo dia.

Professora Marina – Eu acho que o nome da escola sempre foi muito respeitado pela comunidade e por outras escolas. Eu acho que isso colaborou muito.

Nós fizemos uma reunião de pais na linha do trem, pois, fecharam a escola com cadeado e nos impediram de fazer reunião com os pais. Nós fizemos na linha do trem...

Várias falas – Vieram e filmaram.

Professora Marina – Depois eles tiveram que nos chamar para o auditório e vieram os pais, alguns com bebês, estava um sol danado, eles tiveram que nos levar. Porque exatamente, não é que eles gostem, por eles acabavam com a escola, mas nós somos de fibra.

Eu acho que parecemos muito com nosso patrono, nós temos muita identidade com ele. Uma pessoa que veio do Nordeste e venceu no mundo inteiro. Eu acho que o Luiz Gonzaga é um pouco isso.

Professora Marina – Eu fiz um resumo, vocês conhecem e eu falo um pouco demais. Eu tentei colocar em itens.

[leitura das anotações] **Memória quente** – os projetos que realizamos em vários momentos no Luiz Gonzaga (São Gonçalo, 500 anos de Descobrimento da América e a minha própria chegada a Escola. **Memória triste** – perdemos vários alunos e colegas que tínhamos muito carinho.

[comentário] Nós perdemos muita gente e é muito triste quando a gente vai a enterro de aluno, de colegas...

[cont. leitura] **Memória extremamente dolorosa** – receber a notícia que a escola seria derrubada, ver a escola literalmente no chão, estar no SANDU. **Memória de Luta** – as inúmeras reuniões sobre educação, movimento dos professores, a busca da reconstrução do Luiz Gonzaga. **Memória de Esperança** – os novos alunos que chegam, os alunos que partem e levam o ideal do Luiz Gonzaga dentro de si, a reconstrução da escola.

[comentário] É incrível, eles levam o nosso ideal de aprender a lutar, e não esquecem, e para onde vão eles falam do Luiz Gonzaga e falam bem...

[cont. leitura] **Memória de resistência** – organizar a festa dos 18 anos da Escola Luiz Gonzaga, num prédio de outra escola (Escola Particular).

[comentário] Fazer um projeto dentro de outra escola, quando não tínhamos um local nosso para fazer, isso é resistência...

[cont. leitura] **Memória de Gratidão** – por ter construído minha [emoção, choro]...

Professora Débora [cont. leitura] - vida profissional e junto com ela criar meus filhos e a minha família. **Memória de Carinho** – pelos que me ajudaram a ser o que eu sou hoje e os amigos que cultivo até hoje.

Marina: Essa Escola sempre incomodou muito dentro da rede, nós tivemos a escola fechada por um prefeito, por causa de uma caricatura que colocaram no quadro de aviso “chamaram o prefeito de rato e ele se enforcou”.

O prefeito veio à escola, mandou suspender as aulas, reuniu todo mundo no refeitório, ele todo vestido de preto e perguntou quem é que fez? Eu quero o nome! Eu não agüentei, me deu um ataque de riso, aquilo foi ridículo.

Sueli: Nossa, quando ele tirou aquele desenho...

Marina: Foi... Do rato. [risos]. Foi demais aquele momento. [risos].

Sueli: Quando ele tirou aquele desenho e mostrou, eu disse: não acredito nisso, esse homem parou a escola por causa de um desenho de um rato...

Marina: E saiu deixando três meses de salário atrasado lembram? Teve gente que voltou para a casa dos pais com filho e tudo...

Ele mandou suspender o turno e a gente não sabia o que tinha acontecido, quando ele falou que era por causa daquilo e a gente não podia rir, foi muito engraçado.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA ROSA (Primeira diretora e atual Coordenadora da Escola)

A Escola Municipal Luiz Gonzaga quando eu fui convidada para dirigir estava com suas obras a serem concluídas e eu fui levada a conhecer a escola. Eu não queria, mas fui muito incentivada pelo secretário de educação, o professor, Wagner Laranjeiras.

Quando passei a dirigir a escola, faltava tudo nela. Desde o mobiliário, até toda a parte de secretaria, a parte de cozinha. Então cada um de nós trouxe de sua casa o que a escola precisava. Nós trouxemos panelas, mimeógrafo, pastas velhas para organizar os arquivos da secretaria e ficamos aguardando o mobiliário que chegou.

Quadros, nos não tínhamos quadros improvisávamos aulas com papel pardo, até que a escola foi sendo montada aos poucos e foi assim, com a nossa força mesmo e a nossa vontade da escola começar a funcionar. E daí pra frente...

A escola nasce por iniciativa de quem?

Foi uma iniciativa da própria Secretaria de Educação, a homenagem, o nome Luiz Gonzaga, partiu do então Secretário de Cultura, na época, o João Luiz de Souza. Segundo eu sei, ele hoje é professor da Faculdade Universo, professor de Cultura. Ele é uma pessoa muito zelosa pela memória das pessoas que fizeram a história do Brasil, não só em termos históricos, mais também culturais, no caso o Luiz Gonzaga.

A Escola foi fundada ao lado do Centro Cultural e estamos aqui três para quatro anos. Nunca houve nenhuma promessa da escola ser em outro espaço. A promessa que sempre existiu era da escola melhorar, ser ampliada, estar em melhores condições, pois a construção também não era uma construção muito boa, não era construção de primeira.

Nós tivemos inclusive, problemas na construção que nos entregaram inacabada, problemas sérios. As promessas foram de melhorar a construção. Houve uma época de reformas, no entanto, não acrescentou muito a escola em termos de conforto.

Sempre atendeu alunos do primeiro ao nono ano?

Sempre. Desde sua fundação atendeu alunos de primeiro ao nono ano. A noite no primeiro ano ela funcionou apenas com uma turma de alfabetização para adultos e no ano seguinte abrimos vagas para outras séries.

O que a escola significa tanto na sua vida pessoal quanto profissional?

Significa muito. Em primeiro lugar, pela oportunidade que a escola enquanto instituição me deu de exercer o papel de diretora, não no sentido de “ser” diretora de uma escola e sim, de estar a frente de um trabalho educacional.

Eu tive sorte, muita sorte, pois aprendemos a não dirigir a escola sozinha, aprendemos a dirigir a escola sempre com o apoio dos colegas, caminhando para uma gestão democrática. E foi muito gratificante para mim.

Também eu digo que essa biblioteca, apesar de estar hoje em condições muito precárias, significa muito para mim, pois a minha filha que foi aluna da escola é a patrona dessa biblioteca.

Ela faleceu já tinha saído da escola. Ela fez todo o segundo segmento, da 5ª a 8ª na escola e depois foi para o Instituto de Educação e se formou professora. Quando ela veio a falecer as diretoras na época que eram Sonia e Euzineth, prestaram essa homenagem a mim e a ela também e deram o nome da Biblioteca de Rosana Belo Moura e pra mim isso significa muito. Até tirei o retratinho dela daqui e preservei em minha sala, até irmos se Deus quiser para nossa nova sede...

Sobre os professores e funcionários:

Eu considero o corpo docente da Escola Municipal Luiz Gonzaga um corpo de professores muito especial. Dificuldades sempre tivemos, mais até do que outros professores da rede municipal.

Desde a primeira sede a escola tem problemas na construção, acho que nós somos fadados a isso, a trabalhar numa escola sempre com problemas de construção. Aqui nós temos esse prédio que não é nosso, temos problemas sérios, vocês estão a par disso. E no outro prédio também, apesar de o prédio ser nosso, a escola foi fundada, inaugurada lá, vivemos nossos 15 anos, mas sempre havia problemas, pois como ela era uma escola pré-moldada, não

era uma escola que possuía um telhado normal, uma laje e sempre havia uma infiltração, era goteira, encharcava.

Nós tínhamos problemas que as paredes eram blocos encaixados e aqueles blocos estavam sempre soltos, tivemos um problema com um aluno que um bloco daquele caiu sobre ele, abrindo sua cabeça. Aquele dia para mim foi inesquecível, pois eu nunca tinha passado isso, nem com um filho meu, de abrir a cabeça e ir para o pronto-socorro. O pronto-socorro não aceitar, ir para o Hospital Antônio Pedro.

Então foi uma situação bastante desgastante para gente, mas isso nos fortaleceu muito, pois passamos a nos unir para que a situação mudasse...

“Memória que vale Ouro”...

A festa de culminância do projeto da festa de maioridade do Luiz Gonzaga foi muito marcante, apesar de ter sido comemorado num espaço que não era próprio da gente.

Tivemos que sair pela vizinhança pedindo um espaço para fazermos a nossa culminância. Mas foi muito bom, durante a festa nos lembramos de tudo que passamos, fizemos, construímos em conjunto.

Foi importante também a minha filha ter sido lembrada. Eu ganhei uma camisa de uma turma com a foto dela na frente. Então é uma coisa muito importante para mim. Inesquecível. É uma memória para mim...

ENTREVISTA A MERENDEIRA LÚCIA

Nós soubemos que a senhora foi uma das primeiras merendeiras a chegar a Escola...

Eu entrei em 1990, quem era a diretora era Rosa, o colégio estava puro, sem ninguém. Nós podíamos ir para qualquer lugar no colégio, mas eu escolhi a cozinha, pois eu nunca havia trabalhado eu achava que a cozinha seria o melhor lugar mesmo. Mas, me dei bem. Trabalhei oito anos e depois de oito anos, fizemos concurso, não passamos. Vieram os concursados e eu fui para fora, fiquei como inspetora. Quando a dirigente faltava, a falecida Raimunda, eu ficava no lugar. Depois saiu a Rosa entrou a outra diretora e eu fui ficando. Eu abria o colégio, as salas, já fiquei de dirigente de turno durante uns dois anos e agora onde precisar, eu vou.

O que a Escola representa na sua vida?

Muita coisa. Foi meu primeiro emprego, sempre me dei bem com todos, desde os alunos ao diretor. Passei por vários diretores, foram quase treze diretoras, e com todas sempre me dei muito bem. Todo ano tem aquela coisa de sair. Eles colocam para sair e depois retornam, tem uns que não retornam. Eu graças a Deus, sempre retorno, todo ano eu retorno. O pessoal faz campanha, mas eu acho que eu mereço. Se eu não merecesse não estaria aqui até hoje, já são vinte e um anos de trabalho na escola. Estou com sessenta e dois anos.

Entre suas memórias sobre a escola, qual a senhora elegeria como uma memória que vale ouro?

Tenho várias, meu aniversário ele foi muito comemorado, aquele que eu fiz cinquenta anos foi marcante. Era Festa Junina na escola e tinha um sorteio de um cestão. Eu comprei um mês antes o numero cinquenta, na hora do sorteio saiu à dezena 50 e eu estava fazendo cinquenta anos. Aí todo mundo disse, foi cambalaxo, mais não foi, pois foi tirado pelos alunos, era um bingo, foi sorte mesmo.

Uma memória que faz chorar...

Eu vejo a tristeza quando eu sou exonerada [choro].

Porque são sete anos, quando passou um ano eu saio, depois de seis meses eu volto. Isso me revolta, pois a gente deu tudo, minha vida toda aqui. E eles me tiram. A minha sorte é que eu consigo voltar...

Olha, eu dei entrada na minha aposentadoria por idade e não consegui ainda. Quando eu entrei na Prefeitura, eu entrei por uma firma que era da Prefeitura, a firma acabou oito anos depois e não pagaram durante quatro anos o INPS, então, está prendendo por isso. Agora já está nas mãos do juiz para ver o que ele vai decidir, pois me descontaram e eu não tenho culpa. Mas já estou com sessenta e dois anos e a aposentadoria não saiu, então são coisas que mexem.

Como hoje, saiu o décimo terceiro, todo mundo recebeu a metade, a metade do que eu vou ganhar. Eu recebi menos ainda, pois eu só tenho seis meses que retornei. Então machuca muito, a matrícula é a mesma, eles não mechem na matrícula. A matrícula é desde 1990.

Uma memória que faz rir...

Muita coisa. É um filho de aluno que já estudou aqui. É um aluno que vem e diz que se formou, e nós temos muitos alunos formados. Nós temos a Aparecida que estudou aqui e hoje é secretária. Então, tem muita coisa boa aqui, tem mais alegria do que tristeza.

Uma história que marcou-me
foi um ano de greve, que pela
primeira vez todos os professores e
funcionários aderiram, senti uma
união e solidariedade entre nós
jamais vista, e foi graças a
isso que nós conquistamos muitos
de nossos direitos que hoje usufruimos.

Além desse episódio, o Luiz Gonzaga representa minha outra família, onde tenho o prazer de conviver durante quinze anos da minha vida. Se eu pudesse resumir esta escola em três palavras seriam:

Amor - luta - resistência

Depoimento escrito

Lembro-me dos cursos de início de período letivo realizados no antigo Luiz Gonzaga.

Recordo-me da luta (passatempo) para a construção de um novo prédio.

Lembro-me do dia em que, no início deste ano, havia vaga para a minha disciplina na EMLG e eu fiquei feliz. Fui bem-recebida por todos.

Vânia m^{te} A. Almeida

Feitas memórias na E. R. Luiz Gonzaga.

Memória quente: — os projetos que realizamos em vários momentos no Luiz Gonzaga: — São Gonçalo, 500 descobrimento da América e a minha própria chegada na escola.

Memória triste: — perdemos vários alunos e colegas que tinhamos muito carinho.

Memória extremamente dolorosa — receber a notícia que a escola seria demolida; ver a escola literalmente no chão; estar no sandu...

Memória de luta: — as inúmeras reuniões sobre educação, movimento dos professores; a busca da reconstrução do Luiz Gonzaga.

Memória de esperança: — os novos alunos que chegam; os alunos que partem e levam o ideal do Luiz Gonzaga dentro de si; a reconstrução da escola.

Memória de resistência: — organizar os 18 anos do Luiz Gonzaga em uma escola particular.

Memória de gratidão: — por ter construído minha vida profissional e junto com ele criar meus filhos e a minha família

Memória de carinho :- pelas que me ajudaram
a ser o que eu sou hoje.

Memória de amigos que ativos até hoje :

Parire F. de Souza Sab.

17/07/2003

Tempo: 19 anos de Luiz Gonzaga.